



afalgarve

futebol algarvio

N.º 71

Dezembro / Janeiro '12 / '13

**Lusitano surpreende
e conquista Supertaça**



**Tornado destrói
património do Silves
e região dá as
mãos para ajudar**

Mais de 300 mil utilizações



CENTRO NÁUTICO
ABERTO TODO O ANO



PAVILHÕES



PISCINAS MUNICIPAIS



CAMPOS DE FUTEBOL

PISTA DE ATLETISMO



Faro

evoluimos consigo no Desporto

www.cm-faro.pt

[f /município de faro](https://www.facebook.com/municipio.faro)

Sumário

5 – ABERTURA

7 – MENSAGEM

8 – TAÇA DO ALGARVE

9 – A ACTIVIDADE DAS NOSSAS SELECÇÕES

10 – A TRAGÉDIA QUE SE ABATEU SOBRE O SILVES

12 – O JOGO DA SOLIDARIEDADE

14 – MONTENEGRO CRESCE NO FUTSAL FEMININO

16 – O OLHAR DE... NUNO ENCARNÇÃO

17 – AS SUPERTAÇAS DE FUTSAL

18 – LUSITANO CONQUISTA SUPERTAÇA

20 – BOLA AO CENTRO, POR JOÃO LEAL

23 – DO JOGO DA BOLA ÀS CIÊNCIAS DO DESPORTO

30 – A PEDAGOGIA COMO FACTOR DE RENDIMENTO

32 – FUTSAL: LEIS DO JOGO

33 – ÚLTIMO PONTAPÉ

34 – TESTE OS SEUS CONHECIMENTOS

Ficha Técnica

Revista AF Algarve

N.º 71 – Dezembro/Janeiro de 2012/2013

Director: Carlos Jorge Alves Caetano

Coordenador editorial: Armando Alves

Textos de: Armando Alves, António Pincho Correia, Prof. Dr. J. Martinez, João Leal, Prof. Dr. Jorge A. Araújo e Nuno Encarnação

Fotos: Armindo Vicente, Carlos Almeida, Carlos Vidigal Jr, Hélio Justino, Luís Forra, Mira, Nélson Pires, Nuno Eugénio, José Carlos Campos, Vasco Célio e arquivo da Associação de Futebol do Algarve

Montagem e impressão: Gráfica Comercial, Parque Industrial, Loulé

Propriedade: Associação de Futebol do Algarve, Complexo Desportivo, 8000 FARO

Endereço electrónico: revista@afalgarve.pt

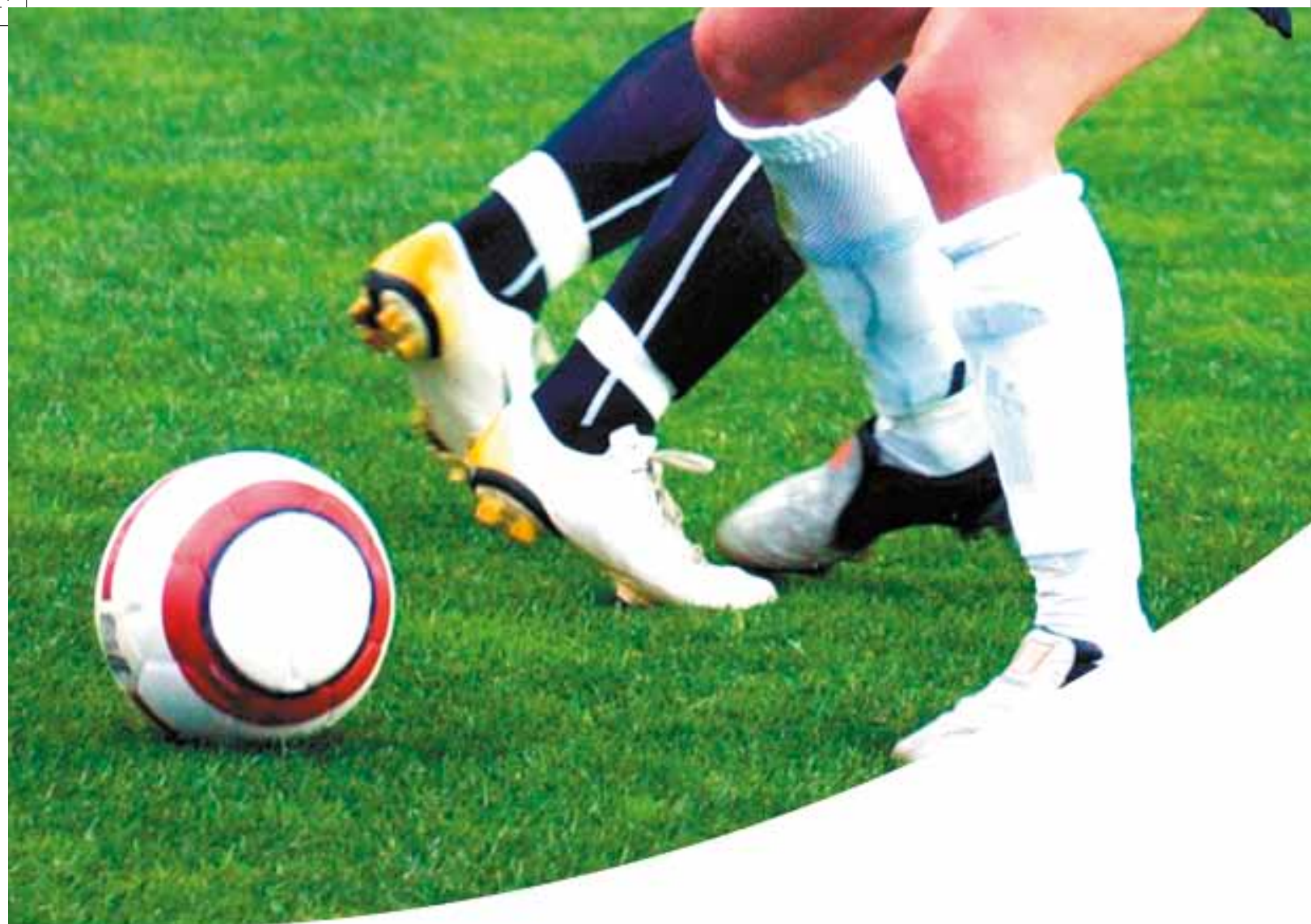
Sítio da AF Algarve: www.afalgarve.pt

Depósito legal: 242121/06

Distribuição gratuita

Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização expressa da AF Algarve





inspiramos as melhores jogadas



loulé
concelho

Associação Cultural de Salir | Casa Benfica de Loulé | Centro Animação Apoio Com. da Freguesia de Alte
Clube Desportivo Checul | Clube Desportivo de Boliqueime
Clube Desportivo Recreativo Quarteirense | Internacional Clube Almancil | Juventude Sport Campinense
Louletano Desportos Clube | Quarteira Sport Clube | Sociedade Cultural Os Falcões
Sociedade Recreativa Almancilense | Sociedade Recreativa Loulé-Gare

A propósito do 91.º aniversário da AFA

O primeiro quartel do século XX foi marcado por um crescimento notável do futebol na nossa região e, como consequência, por várias tentativas para criar uma estrutura aglutinadora que superintendesse a modalidade. Um processo que esteve na origem da Associação de Futebol de Faro, mais tarde – e até aos dias de hoje – denominada Associação de Futebol do Algarve.

A primeira dessas tentativas teve lugar em Setembro de 1914, quando nasceu a União de Futebol de Faro, resultante da iniciativa de responsáveis da Associação Académica Farense e do Sporting Clube Farense, a que se associaram a Escola Normal Superior de Faro e o Boavista Futebol Clube Farense.

Passado um ano, e sem ter cumprido os seus objectivos como organização aglutinadora do futebol regional, a União de Futebol de Faro foi dissolvida e deu lugar à Associação de Futebol de Faro. Porém, esta nova entidade não obteve a necessária legalização, por falta de meios, embora tenham chegado a ser eleitos os primeiros dirigentes, cabendo a presidência da direcção a Eduardo Vieira. Os estatutos eram os mesmos da Associação de Futebol de Lisboa, com as necessárias adaptações.

Como a única entidade que havia sido legalizada era a União de Futebol de Faro, apesar de posteriormente dissolvida, continuou a figurar como responsável pelo futebol da região durante algum tempo, embora... sob o comando dos dirigentes indicados para a Associação de Futebol de Faro, vindo mais tarde José Nunes Sousa a suceder a Eduardo Vieira na liderança.

Formado apenas pelos clubes de Faro, o organismo teve dificuldades em estender a sua influência por todo o Algarve e surgiu em Tavira uma outra tentativa de solucionar a questão, com a criação da Liga de Educação Física do Sul de Portugal, liderada por Vasco Brás de Campos, professor de ginástica e tenente do

exército, mas também aqui as intenções não tiveram a pretendida eficácia prática.

Em Janeiro de 1917, aquando da inauguração da sede do Sport Lisboa e Faro (actual Sport Faro e Benfica), foi criada a Associação de Futebol do Algarve, cuja sede ficou instalada numa das dependências daquele clube, sendo fundadores a Associação Académica do Liceu de Faro, Sporting Clube Farense, Sport Lisboa e Faro, Sport Risonho Olhanense e Olhão Futebol Clube. Esta entidade durou apenas cerca de um ano. Estava confiada maioritariamente aos responsáveis do Sport Lisboa e Faro e surgiram divergências insanáveis com os dirigentes dos outros clubes da capital algarvia.

A 16 de Outubro de 1921, e depois de um período de vazio, com a desorganização reinante a causar dificuldades aos clubes, reuniram-se nas instalações do Ginásio Clube Farense representantes do Sporting Clube Farense, Sport Lisboa e Faro, Boxing Futebol Clube, Sporting Clube Olhanense, Lusitano Futebol Clube, Esperança Futebol Clube, Glória Futebol Clube, Portimonense Sporting Clube, Sport Clube União e Sport Clube Os Leões Portimonenses. Nessa noite foi fundada a Associação de Futebol de Faro, mais tarde denominada Associação de Futebol do Algarve. Como os primeiros estatutos datam de 22 de Janeiro de 1922, é essa, oficialmente, a data de fundação da AFA, embora o novo organismo tenha começado a desenvolver o seu trabalho na parte final do ano anterior, havendo documentação que o comprova, como o envio do boletim de inscrição, em Dezembro de 1921, aos clubes fundadores. A 22 de Janeiro de 2013 esta casa celebra o 91.º aniversário.

Armando Alves

Restaurante - Snack-Bar



No Tapas é que é bom... !

Encerramos às Segundas-Feiras

Arménio Santos Neves Gonçalves

Rua Pêro Vaz de Caminha, 24-A - 8900 Monte Gordo - Telef. 281 541 847

Estamos ao nível da sua competição

Alvará nº 301/79



Carvoeiro

Rua dos Pescadores nº 1
8400 - Carvoeiro
Tel. + 351 282 350 630/4
Fax. + 351 282 357 333

Vilamoura

Avenida da Marina
Edif. Olympus, Loja 25
8125 - 401 Vilamoura
Tel. + 351 289 380 505
Fax. + 351 289 312 911

www.jgtravel.com

info@jgtravel.com

Mensagem

Presidente da Direcção da Associação de Futebol do Algarve
Carlos Jorge Alves Caelano



Saber reagir às adversidades

1 – As nossas primeiras palavras vão, com toda a propriedade, para a forma como o futebol do Algarve soube responder aos dramáticos acontecimentos que vitimaram o Silves Futebol Clube, um dos principais baluartes do desporto da região. Um tornado destruiu em segundos o trabalho de largas décadas e deixou a colectividade numa situação muito delicada, a exigir, mais do que palavras, atitudes. O Jogo de Solidariedade realizado em Faro constituiu uma demonstração clara desse dar de mãos que se impunha.

2 – Importa destacar a disponibilidade revelada pelo Sporting, num gesto de reconhecido significado e alcance, que engrandece uma das principais instituições desportivas do país; e queremos ainda referenciar, por uma questão de justiça, a sensibilidade mostrada pela Federação Portuguesa de Futebol, que apoiou de pronto à iniciativa, assim como a louvável atitude dos hipermercados Continente, ao associar-se ao evento solidário realizado no Estádio de S. Luís. Por fim, mas não menos importante, fica o reconhecimento aos clubes que disponibilizaram jogadores, apesar de quase todos terem, nesse fim-de-semana, compromissos relativos aos seus campeonatos.

3 – Os responsáveis do Silves FC estão a reagir com um empenho notável à autêntica calamidade que se abateu sobre o clube. Em tempos reconhecidamente muito difíceis, marcados pela escassez de recursos e de apoios, o mais fácil seria encolher os ombros e desistir. Mas, num emblema que já deu ao nosso futebol dirigentes da estirpe de José Júlio Martins, João Aires Goes, José Sousa ou Mário José Gonçalves ou internacionais da qualidade de Rui Bento (actual treinador) e tem desenvolvido um trabalho notável na formação, mostrando ainda um ecletismo digno de nota, os actuais responsáveis vêm dando uma lição de determinação e de firme vontade de lutar contra as adversidades, o que merece o nosso rasgado aplauso e incentivo e também o apoio já expresso pelas mais diversas formas, de entre as quais se destaca o envolvimento na organização do Jogo da Solidariedade.

4 – Termina um ano particularmente difícil, seguramente o mais difícil de todos desde que assumimos funções nesta casa. Os problemas vividos pelos clubes filiados são também os da Associação de Futebol do Algarve e compreendemos muito bem os problemas que os dirigentes nos transmitem e a luta árdua que travam para cumprir os compromissos assumidos e para assegurar a prática desportiva a milhares de jovens em toda a região. Essa compreensão traduziu-se em diversas medidas que permitiram nuns casos reduzir os custos e noutros não aumentá-los, devido a um esforço de racionalização e de adaptação às actuais circunstâncias, embora importe ter em conta que a AFA deixou de receber diversas receitas provenientes de ajudas de outras entidades e, por isso, vive também um quadro de escassez de meios.

5 – Espera-se um ano de 2013 tão ou mais difícil que o que agora termina mas isso não deve, em circunstância alguma, dar lugar a um estado de desânimo. A notável reacção dos dirigentes do Silves a uma adversidade de todo inesperada apresenta-se como um exemplo e uma inspiração para os responsáveis de todos os nossos clubes, a quem o futebol e o futsal regista uma dívida de gratidão, pelo esforço que desenvolvem diariamente, num quadro reconhecidamente problemático.



TAÇA DO ALGARVE AVANÇA PARA A SEGUNDA ELIMINATÓRIA

Duelo de vizinhos no Municipal de Albufeira

O jogo entre o Imortal e o Ferreiras é o principal cartaz da segunda eliminatória da Taça do Algarve, que se disputa a 6 de Janeiro de 2013. As duas equipas do concelho de Albufeira nunca conquistaram o troféu mas já marcaram presença no jogo decisivo – o Imortal na época e o Ferreiras nas temporadas.

Das equipas que já conquistaram o troféu, cinco ainda se encontram em prova (Lagoa, Lusitano de Vila Real de Santo António, Esperança de Lagos, Alvorense e Silves, tendo esta última formação em atraso o jogo da ronda inaugural, com o Almancilense, devido ao tornado que danificou as suas instalações desportivas), depois da primeira eliminatória ter provocado algumas surpresas, com o afastamento do Louletano, que ergueu a Taça do Algarve na época passada, e do Quarteirense, em ambos os casos às mãos de conjuntos do escalão distrital.

Caso o Silves vença a partida em atraso com o Almancilense, poderemos ter, em Vila Real de Santo António, o único duelo desta ronda entre antigos vencedores da prova, sendo certo que nos quartos-de-final vão estar presentes vários clubes sem tradição na Taça do Algarve, pois, vença quem vencer os duelos Moncarapachense-Odeáxere, Machados-Aljezurense e Castromarinense-Monchiquense, nenhum destes emblemas chegou a uma final. A Taça do Algarve conhece esta temporada a sua 14.ª edição. Nos últimos 13 anos a prova conheceu dez vencedores diferentes e só três clubes somam dois triunfos – Portimonense, Lusitano de Vila Real de Santo António e Esperança de Lagos. Seguem-se sete emblemas com um triunfo, o último dos quais é o Louletano, que na final da campanha 2011/12 bateu o Ferreiras, por 2-0, na final disputada no Estádio Algarve.

De acordo com o regulamento da prova, o valioso troféu em disputa será entregue ao clube que conquistar a Taça do Algarve por três consecutivas ou cinco vezes alternadas, algo que não se perspectiva num futuro imediato. Esse troféu está presente em todas as finais mas o vencedor recebe apenas uma réplica, face ao acima exposto.



TAÇA DO ALGARVE 2012/13

1.ª ELIMINATÓRIA

ODEÁXERE-QUARTEIRENSE	1-0
MONCARAPACHENSE-QUARTEIRA	3-0
LUSITANO VRSA-ALGARVE UNITED	2-2 (12-11, G.P.)
CULATRENSE-LOULETANO	0-0 (5-4, G.P.)
ESPERANÇA DE LAGOS-ARMACENENSES	4-0
ALMANCILENSE-SILVES	0-1

2.ª ELIMINATÓRIA

IMORTAL-FERREIRAS
11 ESPERANÇAS-LAGOA
MONCARAPACHENSE-ODEÁXERE
LUSITANO VRSA-SILVES
FARO E BENFICA-ESPERANÇA DE LAGOS
MACHADOS-ALJEZURENSE
CULATRENSE-ALVORENSE
CASTROMARINENSE-MONCHIQUENSE

AS FINAIS

2000	PORTIMONENSE-Quarteirense, 1-0
2001	LUSITANO VRSA-Silves, 3-0
2002	LUSITANO VRSA-Padernense, 3-0
2003	ALVORENSE-Beira Mar Monte Gordo, 1-1 (4-2, g.p.)
2004	GUIA-Faro e Benfica, 2-0
2005	ESPERANÇA DE LAGOS-Culatrense, 3-3 (3-2, g.p.)
2006	CAMPINENSE-Ferreiras, 4-4 (5-3, g.p.)
2007	PORTIMONENSE-Louletano, 3-1
2008	MESSINENSE-Alvorense, 2-1 (a.p.)
2009	ESPERANÇA DE LAGOS-Imortal, 1-1 (3-1 g.p.)
2010	LAGOA-Farense, 1-0
2011	SILVES-Quarteira, 3-1
2012	LOULETANO-Ferreiras, 2-0



INTER-ASSOCIAÇÕES CONSTITUEM MOMENTOS IMPORTANTES DO CALENDÁRIO

Várias selecções do Algarve preparam compromissos em 2013

Várias selecções do Algarve estão em plena actividade pré-competitiva, preparando a participação em torneios previstos para a campanha 2012/13, depois da representação da nossa região em futsal feminino seniores ter disputado o Inter-Associações, no final de Setembro último, não passando da fase zonal.

Aquela selecção, recorde-se, perdeu com Évora (0-2) e Lisboa (0-5), nas Caldas da Rainha, e acabou por não garantir o acesso à fase final, esperando-se agora que os sub-20 masculinos, também em futsal, consigam superar a fase zonal, agendada para o período de 11 a 13 de Janeiro de 2013, no distrito de Beja.

A equipa de sub-20 de futsal masculino vem trabalhando desde 28 de Novembro e cumprirá oito sessões de treino até à escolha final dos jogadores que estarão na fase zonal do Inter-Associações. Caso o Algarve garanta a passagem à etapa seguinte, estará na fase final, de 1 a 3 de Fevereiro, em local ainda a definir.

Nas sessões de trabalho já realizadas foi possível perceber que a base do conjunto será formada por atletas do Albufeira Futsal, o principal representante do futsal



algarvio e, que por força de limitações financeiras, tem vindo cada vez mais a apostar em jovens da região, com um sucesso apreciável, refira-se.

Ainda no futsal, vai estar em actividade a selecção do Algarve masculina de sub-15,

com oito treinos agendados até à participação na fase zonal do Inter-Associações, de 12 a 14 de Abril, no distrito de Castelo Branco. Caso a equipa garanta o apuramento, estará na fase final, de 3 a 5 de Maio, em local a definir.

No futebol, os sub-14 vão ter uma agenda muito preenchida na parte final da temporada, como já vem sendo hábito, e por isso mesmo o Departamento Técnico da Associação de Futebol do Algarve começou a observar jogadores, no seio da selecção, no mês de Dezembro, estando definido um programa de trabalho que, à excepção de Janeiro, inclui sessões todos os meses. No programa competitivo, e ainda com datas a definir, surgem o Torneio da Vidigueira, o Torneio Olhão da Restauração e o Torneio António Rosa, nos Machados, antes da participação no Torneio Inter-Associações Lopes da Silva, que em 2013 terá lugar em vários recintos desportivos do distrito de Bragança, entre 22 e 29 de Junho, depois de na época passada ter decorrido, pela primeira vez, no arquipélago dos Açores (ilha de S.Miguel).

Também no futebol, a selecção feminina de sub-16 estará envolvida no Torneio Inter-Associações de futebol de sete, que decorrerá de 18 a 22 de Abril no distrito de Castelo Branco, estando apazadas seis sessões de preparação nos meses de Fevereiro e Março de 2013.



SILVES SOFRE DANOS SIGNIFICATIVOS NO SEU PATRIMÓNIO E VIVE MOMENTO DIFÍCIL

Tornado destrói em segundos trabalho de largas décadas

As imagens (que circulam pela Internet e podem ser facilmente localizáveis) mostram como em poucos segundos o trabalho de largas décadas foi destruído: o tornado que passou por Silves ao fim da manhã de 16 de Novembro último deixou um rasto de destruição e, para além dos danos patrimoniais registados por muitos habitantes daquele concelho e também do vizinho município de Lagoa, contabilizam-se danos de monta em equipamentos colectivos, com particular ênfase em estruturas desportivas – estádio Dr. Francisco Vieira, pavilhão Mário José Gonçalves, piscinas municipais e campos de futebol municipais.

O estádio e o pavilhão pertencem ao Silves Futebol Clube, um dos clubes algarvios com maiores tradições e mais ecléticos e dos poucos que dispõe de um vasto património próprio, parcialmente destruído em poucos segundos. A cobertura da bancada central voou em pouco mais de um segundo, com o tornado a arrancar os pilares de sustentação, arremessando as placas metálicas contra a cobertura do pavilhão anexo, que sofreu danos consideráveis.



O forte vento que se fez sentir arrastou para o relvado bocados de vidro, de metal e de outros detritos, deixando o recinto sem condições para a prática do futebol, mesmo depois de, no dia seguinte, equipas de voluntários terem procedido a uma limpeza dos objectos de maior dimensão. Num instante, o clube viu-se a contas com um problema de enorme dimensão: as instalações parcialmente destruídas. Uma baliza arrastada para fora do campo e os muros de suporte do recinto derrubados são imagens que retratam as consequências da intempérie que assolou Silves. Um drama de dimensões ainda maiores atendendo aos prejuízos causados pelo tornado nos campos de futebol municipais, casa do futebol juvenil, com a água a entrar pelos balneários, causando danos de monta nos equipamentos. As piscinas municipais, situadas na zona de maior impacto da tormenta, perderam a cobertura e foram invadidas pela água da chuva, num cenário de caos e desordem, extensivo a toda a baixa da cidade de Silves. Felizmente, não se registaram mortes e os feridos socorridos de pronto pelos bombeiros locais acabaram por recuperar.

“Não há palavras para descrever tamanha destruição”, palavras de Rui Amador, líder da Comissão Administrativa do Silves. Uma estimativa inicial apontava para prejuízos de cerca de 700 mil euros nos equipamentos do clube. “Devido a um quadro de crise generalizada, já vínhamos sentindo dificuldades para manter a actividade desportiva normal. Perante esta tragédia, sem ajudas substanciais não haverá condições para reerguer o clube.”

O Jogo da Solidariedade, realizado em Faro, constituiu o momento porventura mais significativo do dar de mãos que um pouco por todo o Algarve e também pelo país se registou, no sentido de acorrer à situação de emergência registada em Silves. Os responsáveis do clube continuam a travar uma luta árdua, necessitando de toda a colaboração possível para reerguerem os equipamentos danificados.

COMUNICADO

Em comunicado a Comissão Administrativa do Silves Futebol Clube veio publicamente “agradecer a todas as pessoas e instituições que nas mais variadas formas manifestaram a sua solidariedade e disponibilidade, neste momento de extrema dificuldade que a colectividade atravessa, em virtude dos elevados

Profissionais ao seu dispor



www.visatempo.pt

Vilamoura

Tel. 289 300 920

Fax. 289 300 929

geral@visatempo.pt

Portimão

Tel. 282 415 340

Fax. 282 485 825

portimao@visatempo.pt





danos sofridos nas nossas infra-estruturas devido à ocorrência do fenómeno atmosférico que nos assolou no passado dia 16 de Novembro.

Assumindo o risco de por lapso ou esquecimento, deixar de referenciar alguma das inúmeras entidades e/ou personalidades que disponibilizaram o seu contributo, às quais desde já solicitamos a sua compreensão, não poderemos neste momento trágico, porventura o mais grave dentro da história do clube construída ao longo dos últimos 94 anos, deixar de realçar e estender os nossos sinceros agradecimentos às seguintes entidades:

Ao município de Silves, na pessoa do seu presidente, a toda a vereação abrangendo as diversas representações político-partidárias, bem como a todos os funcionários municipais; à Junta de Freguesia de Silves, na pessoa do seu presidente, restante executivo e funcionários; aos Bombeiros Voluntários de Silves; à Guarda Nacional Republicana de Silves; à Autoridade Nacional de Protecção Civil; à Federação Portuguesa de Futebol; à Associação de Futebol do Algarve; ao Sporting Clube de Portugal, pelo pronto e determinado apoio através da visita do seu presidente às nossas instalações e disponibilização da sua equipa principal para um jogo solidário com a selecção do Algarve, no Estádio de S. Luís em Faro, no dia 1 de Dezembro; ao Grupo Desportivo de Lagoa, pela disponibilização das suas infra-estruturas desportivas para tornar possível ao SFC dar continuidade à sua actividade desportiva; à Associação de Fuzileiros do Algarve; aos sócios, funcionários, colaboradores, treinadores, atletas e seus familiares, pelo seu empenho e contributo na procura de soluções, na tentativa de uma célere retoma da normalidade das actividades do clube; a todos os cidadãos anónimos, nacionais e estrangeiros, que de uma forma abnegada colaboraram com o SFC na remoção dos diversos destroços e detritos mais instáveis e perigosos; a todas as empresas, que apesar do momento crítico que atravessam, disponibilizaram, dentro das suas possibilidades, meios para a minoração e contenção de danos nesta primeira intervenção.

Sanados e contidos alguns dos problemas mais prementes, para a segurança de pessoas e bens, o Silves FC enfrenta no presente o desafio de continuar a construir um futuro digno da sua já longa história. Para que nos seja possível ultrapassar este grave momento e assegurar a continuidade do clube como uma força viva dentro do contexto desportivo e social, torna-se necessário

o empenho e dedicação de todos. A contribuição de pessoas e instituições é vital em todo o processo de recuperação, participe através da doação de meios e/ou materiais, devendo para o efeito contactar o clube através do número de telefone 282 442 819 ou do endereço de correio electrónico silvesfc@sapo.pt. Encontra-se igualmente disponível uma conta solidária para onde poderão ser realizados donativos de ordem monetária:

NIB: 0045 7130 40253965696 57

IBAN: PT50 – 0045 7130 4025 3965 6965 7



Jogo solidário leva milhares ao São Luís

Uma selecção do Algarve formada com os jogadores disponibilizados pelos clubes (que, à excepção do Olhanense, tinham compromissos nesse fim-de-semana, havendo muitas limitações na turma de Olhão devido a um surto de lesões) deu muito boa conta de si no jogo de solidariedade que levou milhares de adeptos ao Estádio de São Luís, com o propósito de ajudar os concelhos de Silves e de Lagoa a reerguerem os seus equipamentos desportivos, na sequência do tornado que afectou aqueles concelhos, no dia 16 de Novembro.

Mesmo sem as principais figuras das nossas equipas profissionais, foi o conjunto representativo do Algarve, orientado pelo bem conhecido Manuel Cajuda, a abrir a contagem, num lançamento de Bruno Mestre desviado por Djalmir e concluído por Fernández. Seria o único golo até ao descanso.

Na segunda parte o Sporting puxou dos galões e em poucos minutos deu a volta ao marcador e estabeleceu a marca final de 1-3, ficando, porém, uma imagem muito positiva do seleccionado algarvio, formado quase exclusivamente por jogadores dos escalões secundários, que tiveram uma boa oportunidade para mostrarem a sua valia, perante uma das mais credenciadas equipas do futebol nacional.

FICHA DO JOGO

Estádio de São Luís, em Faro.

Árbitro: Eugénio Arez

Auxiliares: Ricardo Glória e Luís Nunes

ALGARVE – Carlos (Fábio Sapateiro, 60’); Bruno Mestre, Lameirão (Bassangué, 74’), Cordeiro (Roberto, 74’) e Vítor Vinha (João Reis, 46’); Gualter Bilro, David Rosa, Fernández (Barão, 61’) e Tiago Targino (Marcos, 61’); Djaniny (Yossuf, 46’) e Evandro Brandão (Djalmir, 32’, depois Ravera, 74’).

Treinador: Manuel Cajuda

SPORTING – Marcelo Boeck (Rui Patrício, 46’); Cédric (Arias, 69’), Boulahrouz (Xandão, 46’), Dier (Carriço, 69’) e Insúa (Rojo, 46’); Gelson (Rinaudo, 46’), Adrien (Elias, 69’) e André Martins (Esgaio, 69’); Labyad (Pereirinha, 80’), Viola (Pranjic, 69’) e Capel (Carrilo, 46’).

Treinador: Franky Vercauteren

Ao intervalo: 1-0. Marcadores: Fernández (33’), André Martins (54’), Labyad (56’) e Viola (59’).



SOLIDÁRIOS

“Sou algarvio e, não sentindo na pele o que aconteceu, senti no coração. Por isso aceitei de pronto quando me convidaram para orientar a equipa do Algarve neste jogo solidário. Mais importante do que o que se passou nas quatro linhas, em que futebolistas que nunca tinham actuado juntos deram uma resposta muito interessante, foi o gesto solidário de todos os presentes. O amor, o carinho e a fraternidade fazem parte do futebol e estão acima das questões táticas, dos golos, dos penáltis...”, palavras de Manuel Cajuda, no final da partida, ele que voltou a uma casa bem conhecida, pois representou o Farense durante várias tem-

poradas, como jogador, e iniciou no São Luís a sua carreira de treinador.

Godinho Lopes, presidente do Sporting, ficou satisfeito com a adesão à iniciativa. “Esteve presente muito público, com as condições climáticas a ajudarem, e isso traduz o sucesso desta iniciativa, na qual nos empenhamos. O Sporting deve mostrar que é um clube diferente dos demais e daí o nosso envolvimento numa causa solidária, ainda para mais sendo o principal clube afectado pelo tornado, o Silves, a nossa quarta delegação”, referiu o líder do clube lisboeta.

O avançado Djalmir, que encerrou a sua carreira no final da última época, regressou aos relvados e teve influência clara no golo do seleccionado algarvio. “Foi bom voltar a tocar na bola, mas o mais importante de tudo é o gesto solidário, com o muito público presente a compreender o alcance da iniciativa e a aderir”, adiantou o agora dirigente do Olhanense.

Para o médio Ravera, ao serviço do Louletano, a tarde teve um cunho especial. “Passei pelas camadas jovens do Sporting e sou de Silves, pelo que não poderia faltar, nesta jornada solidária e que me toca muito. Reencontrei alguns antigos colegas mas a maior alegria foi a possibilidade de ajudar o clube em que comecei a praticar futebol e pelo qual tenho um enorme carinho.” Olhanense, Portimonense, Farense – que cedeu as instalações para a realização da partida – Louletano, Quarteirense, Esperança de Lagos e Lagoa, além, naturalmente, do Silves, envolveram-se nesta jornada solidária, que contou ainda com ajudas importantes, destacando-se a participação dos hipermercados Continente, que adquiriram seis mil bilhetes, contribuindo largamente para o sucesso da iniciativa.

Registe-se a presença no Estádio de São Luís do presidente da Federação Portuguesa de Futebol, Fernando Gomes, que fez



questão de acompanhar de perto esta iniciativa, destacando a importância social do futebol e a sua capacidade aglutinadora e solidária.

A FPF associou-se, de resto, e desde a primeira hora à acção levada a cabo no Estádio de São Luís, que se desenrolou, depois de conhecida a disponibilidade do Sporting, num gesto de reconhecido alcance do seu presidente, Godinho Lopes, sob o impulso da Associação de Futebol do Algarve.

A AFA, através do seu presidente, Alves Caetano, foi distinguido pelo envolvimento na iniciativa, assim como a Federação Portuguesa de Futebol (Fernando Gomes) e o Sporting (Aureliano Neves).





CLUBE MOSTRA CRESCENTE COMPETITIVIDADE NO FUTSAL FEMININO

Montenegro quer afirmar-se e sonha com a conquista de títulos

O futsal feminino tem largas tradições no concelho de Faro e os projectos mantidos pela Casa do Benfica de Faro e pelo São Pedro Futsal Clube de Faro têm agora seguimento no Clube Desportivo de Montenegro, a participar pelo segundo ano consecutivo nas competições oficiais da modalidade, num registo marcado por uma crescente afirmação, o que motiva e estimula os seus responsáveis.

“Uma parte significativa deste grupo já se conhece e trabalha junta há cinco anos, pois estávamos no S. Pedro quando o clube decidiu alterar a sua política desportiva. Já tinha ligações ao Montenegro, através do futebol de formação, e acolheram-nos aqui de uma forma particularmente cativante”, refere Luís Matias, treinador e responsável pela secção.

Na época passada, o Montenegro classificou-se em último lugar

COMPRAR OU VENDER CASA
CASAS PARA FÉRIAS

Garvetur®
MEDIAÇÃO IMOBILIÁRIA E ALOJAMENTOS
DESDE 1983

Casas para Venda

- 1ª e 2ª habitação, terrenos e investimentos
- Acompanhamento durante todo o processo de venda
- Assessoria fiscal e jurídica
- Mais de 10 000 imóveis para venda em todo o país

Contactos:

T. 289 322 488

vendas@garvetur.pt

- www.garvetur.pt -

Casas para Férias

- Apartamentos e moradias
- As melhores localizações:
Algarve, Alentejo, Lisboa, Costa de Prata e Norte de Portugal
- Óptimas condições em serviços:
Rent-a-car, Restaurante e actividades de lazer

Contactos:

T. 289 381 551/0

reservas@garvetur.pt

- www.garvetur.pt -

no campeonato, com apenas um triunfo, a que se juntou outro sucesso na Taça do Algarve, até à eliminação nas meias-finais, com a equipa a ser depois repescada para a disputa da Supertaça, já na campanha em curso (derrota frente ao Padernense). “Temos vindo a registar progressos significativos e agora já nos batemos com as principais formações da região. Isso deve-se à louvável atitude de todas as atletas, ao desejo de aprenderem, de quererem fazer sempre mais e melhor”, assinala Luís Matias. Uma das principais dificuldades com que os responsáveis do futsal feminino do Montenegro se debatem tem a ver com a inexistência de um pavilhão na freguesia e com a escassez (e a superlotação) dos espaços desportivos na cidade de Faro. “O único horário que nos disponibilizaram, para treinarmos na sede do município, era incompatível com as exigências profissionais das nossas jogadoras. Temos na equipa duas juvenis e duas juniores mas as restantes atletas trabalham e não dispunham de condições para estarem no pavilhão, equipadas, às 18h45”, conta Luís Matias.

Assim, a solução passa pelo recurso ao pavilhão de Estói. “O recinto tem boas condições e não há problema com os horários (os treinos começam às 20h00), mas a necessidade de nos deslocarmos é uma contrariedade do ponto de vista logístico, a juntar a outra, que se prende com a circunstância de trabalharmos e jogarmos longe da cidade de Faro. É difícil recrutarmos miúdas para a modalidade, por não estarmos perto do principal centro urbano do município. Não há um contacto regular com a modalidade e isso impede a desejada promoção e propaganda do futsal feminino”, lamenta o treinador do Montenegro.

O crescimento competitivo registado esta temporada faz alimentar a esperança no futuro. “Creio que dispomos de condições para pensarmos, num espaço de tempo não muito distante, na conquista de títulos. Dispomos de uma equipa jovem, que precisa de criar um espírito de grupo ainda mais forte. Um balneário feminino é sempre mais complicado, há mais intrigas, mais questões por resolver, e importa superar essas questões, criar uma união que nos ajude a dar o salto para um patamar mais elevado, pois temos aqui muita qualidade e potencial. Temos vindo a melhorar a olhos vistos e há uma margem de progressão que nos leva a crer na capacidade desta equipa para erguer troféus”, sustenta Luís Matias, crente na possibilidade de o futsal feminino “vir a proporcionar muitas alegrias ao Clube Desportivo Montenegro.”

A colectividade dedica-se há largos anos ao futebol juvenil, contando com equipas em todos os escalões de futebol de sete e ainda com uma formação de iniciados, a única de futebol de



onze, mas o futsal feminino “é acarinhado pela direcção e os responsáveis pelo clube acompanham regularmente os jogos e dão-nos o apoio possível, no quadro actual, marcado por muitas dificuldades. Nas deslocações para os jogos são utilizadas as carinhas do clube e nas idas para os treinos as atletas organizam-se para irem de Faro para Estói, num quadro que, não sendo o ideal, se apresenta como o possível, dentro dos condicionalismos existentes”, adianta Luís Matias.

As próprias jogadoras empenham-se para que nada falte de essencial e prova disso “é o patrocínio da Escola de Condução Santa Maria de Óbidos, assegurado por uma das capitãs de equipa. O valor de 600 euros é de grande importância para o equilíbrio das contas e estamos agradecidos a essas e outras ajudas que nos chegam e permitem o desenvolvimento deste projecto.”

O campeonato do Algarve de futsal feminino vai conhecer esta época um novo modelo, com a fase regular a definir a classificação que determinar os confrontos do “play-off”. “Haverá mais emoção na ponta final da prova, pois tudo se decidirá aí. No momento, a nossa meta passa por nos posicionarmos o mais acima possível na fase regular e, depois, queremos ir até onde for possível”, sustenta o treinador do Montenegro. “Já esbatemos alguma da diferença que nos separava das principais equipas do Algarve mas sabemos que ainda há um caminho a percorrer. Se terminarmos a época em terceiro ou quarto lugar já será muito bom mas se surgir a oportunidade de irmos além disso não enjaitaremos a oportunidade. E contem connosco para os anos mais próximos pois acredito que esta equipa vai crescer muito e estar a um nível mais alto dentro de algum tempo.”





Nuno Encarnação é licenciado em Ciências do Desporto pela Faculdade de Motricidade Humana (especialização em futebol, sob a orientação do Prof. Jorge Castelo) e treinador de futebol desde 1996 (UEFA Advanced).

O olhar de... Nuno Encarnação

Imagem!



No cenário de crise actual todos esperamos um milagre que nos ajude a sair desta situação difícil. Caro leitor, esse milagre não existe porque o milagre que todos esperam que aconteça só é possível mercê de um planeamento estratégico bem delineado, trabalho e rigor.

Esse milagre inicia-se quando em época de fartura investimos de forma pensada em estruturas auto-sustentáveis, em modelos de gestão dinâmicos que permitam respirar fulgor em períodos de crise. Muitos clubes de média e pequena dimensão são um puro exemplo da falta de estratégia e planeamento a médio e longo prazo. Todos se deixaram levar de forma serena pelos orçamentos fáceis custeados pelas autarquias e neste momento essa ligação traiçoeira deixou-os a todos à beira do precipício.

Quando há dinheiro todos se esquecem do cerne da questão e é nessa altura que a aposta na formação deve ser prioritária para quando o tempo de vacas magras vier estarmos preparados para sobreviver sem sobressaltos. Se quisermos construir uma equipa sénior, a base da formação do clube permitirá no futuro um investimento reduzido e um retorno desportivo elevado. Se tivermos que investir num jogador específico, que seja num que a escola de formação não conseguiu “produzir”. Os clubes deverão ser capazes de formar escalões juvenis de qualidade enquadrados numa base piramidal reforçada para que na cúpula o crivo da triagem possa seleccionar os mais capazes e fazer e deles activos valiosos. Sem esquecer que clube que queira sobreviver financeiramente não pode descurar o factor social: sem sócios devotos e com quotas religiosamente em dia, poucos são os clubes que conseguirão sobreviver. Torna-se então, imperioso chamar ao clube essa massa humana que é o motor de desenvolvimento. Não chega só ter equipas desportivamente competitivas para atrair mais simpatizantes, torna-se necessário criar um elo de ligação simbiótico e de inovação social que permita a subsistência do clube. Os clubes precisam de gente profissional capaz de fazer despoletar esse chama. Deverão ser os gestores e economistas, através do seu know-how, a gerar dinheiro e administrá-lo de forma competente ao serviço dos mesmos.

Para mim não faz sentido um clube a duas velocidades, por um lado profissionais do treino e do desporto que prestam serviços pagos e por outros dirigentes amadores que trabalham voluntariamente em prol de um associativismo cada vez mais utópico nos dias de hoje.

A minha chamada de atenção vai essencialmente para a questão do planeamento estratégico. Vejam por exemplo a falta dele aquando da construção do Estádio Algarve, supostamente deram mais importância à sua localização do que propriamente à sua construção e manutenção. Se tivessem calculado os gastos com a manutenção que iriam ter com esta estrutura depois de construída e tivessem pensado numa forma de a

munir de uma série de valências essenciais à população e aos clubes, a estrutura seria com certeza um pólo de desenvolvimento regional, gerido de forma racional e equilibrada e sem sobressaltos.

Deixo aqui um pequeno aforismo para reflexão: na maior faixa de sol do mundo como é o “nosso” Algarve, imaginem um estádio com produção de energia solar com capacidade para produzir energia para seu próprio consumo e venda, munido de valências desportivas para os cidadãos e de um pólo empresarial ligado ao desporto. Como não seria agora este espaço? De certeza que fervilharia de vida e daria emprego a muita gente directa e indirectamente. Revolucionaria por completo a forma de viver o desporto no Algarve.

Agora façamos o transfere para um clube local (feche os olhos!). Podia ser em qualquer cidade do Algarve, não interessa a localização: imagine um clube, à sua volta um complexo com um centro de explicações para quando os jovens terminam a escola, um ATL para os mais pequenos com carrinhas para os irem buscar à escola, um cabeleireiro, um wellness center, supermercado, restaurantes, bares, lojas de material desportivo, para além de um infindável numero de produtos e prestação de serviços onde os seus associados são recompensados só por apoiar o seu clube. Descontos em gasolinhas, hipermercados, seguros e saúde. Agora imagine que este clube de que lhe falo... era o seu! Este hipotético cenário teria um impacto sócio-económico incomensurável, a implantação e consolidação de um projecto desta natureza deixaria marcas para os próximos trinta anos em qualquer sítio onde viesse a florescer. A criação de sinergias obrigaria a cidade a uma reorganização sócio-cultural única e o conceito de viver o clube seria alterado para sempre. Um estádio de futebol não pode ser visto só como um rectângulo verde onde se joga esse maravilhoso jogo de massas que é o futebol, este jogo é muito mais do que isso!

Um desenvolvimento desportivo sustentado, baseado numa micro-economia local sem precedentes, onde todos ficariam a ganhar porque todos saberiam que estavam a contribuir para o desenvolvimento desportivo e melhoria da qualidade de vida da sua área, uma inovação social a todos os níveis.

A questão que se coloca é a seguinte: Onde nos encontramos e para onde queremos ir? Imaginem!

FAVORITOS CONQUISTAM SUPERTAÇAS DE FUTSAL

Albufeira e Padernense confirmam supremacia

A Supertaça do Algarve de futsal foi parar às vitrinas de clubes do mesmo concelho (Albufeira), tanto no sector masculino (triunfo do Albufeira Futsal), como na prova feminina (Padernense), numa dupla jornada realizada no pavilhão do Clube Desportivo "Os Olhanenses" e que constituiu uma excelente jornada de propaganda para a modalidade.

Mas se nos homens houve emoção praticamente até ao último segundo, devido ao equilíbrio reinante no duelo entre o Albufeira Futsal, a principal formação algarvia, e a equipa do Pedra Mourinha, campeã regional na época passada e a participar na 3.ª Divisão nacional, já na decisão feminina o Padernense garantiu vantagem confortável sobre o Montenegro, na primeira participação deste clube numa final.

No final do tempo de jogo normal Albufeira Futsal e Pedra Mourinha estavam empatados (3-3) e houve necessidade de recurso a prolongamento, que se revelou verdadeiramente... louco! Neste período assinalaram-se quatro golos para cada lado e as duas equipas dispuseram da possibilidade de resolver a questão a seu favor, o que não aconteceu, tornando necessário o recurso ao desempate por pontapés da marca da grande penalidade. Aí, a maior experiência dos homens de Albufeira acabou por ditar leis, com quatro remates certos, contra apenas um do adversário.

No final, e com o resultado agregado de 11-8, os pupilos de Rosa Coutinho voltaram a celebrar um título algarvio, depois de na época passada terem vencido a Taça do Algarve, destacando-se a eficácia na finalização de Nélson Carmo "Pipi", autor de cinco golos e consagrado na última época como o jogador do ano do futsal algarvio. Na retina ficou, contudo, a excelente réplica do conjunto da Pedra Mourinha, com vários praticantes de qualidade, que prometem um futuro risonho no futsal.

Na Supertaça feminina, a equipa do Montenegro, pela primeira vez nestas andanças, ofereceu réplica elogiável e reagiu bem a uma desvantagem de dois golos, encurtando distâncias para a diferença mínima momentos depois de ter atirado uma bola ao poste. Na segunda parte, o Padernense chegaria ao 4-1, o conjunto do concelho de Faro ainda reduziu para 4-2 mas o maior andamento das campeãs do Algarve fez a diferença e traduziu-se na ampliação da conta para 6-2, ficando aí a questão resolvida, pois os dois últimos golos, um para cada lado, surgiram já na ponta final da partida. Registo para a soberba actuação de Daniela Cabrita "Dani", autora dos seis primeiros golos do conjunto de Paderne.



Lusitano junta Supertaça ao triunfo na 1.ª Divisão

O Lusitano de Vila Real de Santo António contrariou a lógica e impôs-se ao Louletano, adversário de um escalão superior, na Supertaça do Algarve, prova que conheceu a sua segunda edição, juntando o vencedor da 1.ª Divisão da AF Algarve e o vencedor da Taça do Algarve na temporada 2011/12.

A equipa de Loulé exerceu claro domínio territorial, mas sem tradução em oportunidades de golo. Até perto do fim, e pese embora o empenho das equipas, só ocorreram duas situações de muito perigo: Ricardo Bartolomeu cabeceou ao lado após contra-ataque do Lusitano iniciado por Marco Nuno (24') e Saquer, em excelente posição, rematou torto (64').

Os minutos finais conheceram grande animação, face à vontade demonstrada pelos dois conjuntos de evitarem o recurso ao desempate por pontapés da marca da grande penalidade. Ricardo Bartolomeu obrigou Kula a defesa apertada (89') e o Louletano respondeu, estando por duas vezes à beira da vitória, por Márcio (90') e Bernardo (90'+4), com o guarda-redes João Azul a efetuar intervenções de grande valia.

Seria o mesmo João Azul a desequilibrar na decisão, pois defendeu os remates de Dante e João Reis e deixou a equipa do Lusitano numa posição muito vantajosa, a ponto de, mesmo com o desperdício de Luís Firmينو, o triunfo ter sorrido à equipa raiana. "Sabíamos que o Louletano milita num escalão superior àquele

em que o Lusitano está envolvido e tivemos pela frente uma equipa mais competitiva e com melhores individualidades, mas acreditamos no nosso trabalho e procurei montar uma estratégia quer permitisse minimizar essas diferenças e acabou por resultar", palavras do treinador Ivo Soares, no final da partida.

O responsável pelo conjunto raiano realça a presença do lado contrário "de vários jogadores tarimbados nos campeonatos nacionais, enquanto na minha equipa temos apenas um reforço vindo da 3.ª Divisão. O sucesso alcançado fica a dever-se a uma excelente atitude competitiva e a um grande espírito de grupo, com o importante acréscimo de dos 18 futebolistas que constaram da ficha do jogo apenas dois não terem sido formados no clube."

Ivo Soares destaca "a forma brilhante como os jogadores interpretaram aquilo que lhes foi pedido. Estamos todos de parabéns, pois conseguimos alcançar mais um troféu, juntando esta conquista à da época passada."

O presidente do Lusitano de Vila Real de Santo António, Miguel Vairinhos, destacou a conquista de três troféus (1.ª Divisão da AF Algarve em juniores e seniores e agora a Supertaça) num curto espaço de tempo. "Vivemos tempos difíceis, mas isso não nos retira ambição e a equipa entrou em campo com o propósito de ganhar, como, felizmente, veio a acontecer."



Um sucesso “alicerçado na formação do Lusitano, pois nos onze jogadores que entraram em campo só um (Vitinha) não passou pelas nossas escolas. A aposta nos valores da terra é algo que prosseguimos desde que assumi a liderança do clube e parece-me a aposta certa, ainda mais num quadro de crise generalizada, em que os recursos escasseiam. Creio até que deveriam ser propostas alterações regulamentares no sentido de fomentar a presença de futebolistas da casa, o único caminho que permitirá a sobrevivência dos clubes de pequena e até média dimensão.” Miguel Vairinhos lamenta “alguma falta de sorte em vários jogos da 3.ª Divisão, o que nos remeteu para uma situação complicada na tabela classificativa. A equipa tem valor, como ficou demonstrado neste jogo da Supertaça, e continuamos a acreditar que melhores dias virão no campeonato.”

FICHA DO JOGO

Estádio Algarve.
Árbitro: Eugénio Arez
Auxiliares: Luís Nunes e Carlos Encarnação
4.º árbitro: Ricardo Glória

LUSITANO – João Azul; Vitinha, Nuno Silva, Luís Firmino e Ricardo Calvinho (Ricardo Ramos, 83’); Júlio Madeira e Gonçalo (Daniel Pescada, 74’); Ricardo Bartolomeu, João Jesus (Cristiano Pires, 80’) e Marco Nuno; Marco Cavaco.
Treinador: Ivo Soares

LOULETANO – Kula; Caniggia, Cordeiro, Bernardo e Dante; Bruno Mestre e Abdullah (Barão, 71’); Saquer (Márcio, 78’), Russiano (Norberto, 61’) e João Reis; Leandro.
Treinador: Paulo Renato.

Desempate por pontapés da marca da grande penalidade: Cordeiro, 0-1; Júlio Madeira, 1-1; Dante, defesa de João Azul; Marco Nuno, 2-1; João Reis, defesa de João Azul; Ricardo Bartolomeu, 3-1; Barão, 3-2; Luís Firmino, por alto; Leandro, 3-3; Vitinha, 4-3.

Disciplina: cartão amarelo para Nuno Silva (34’), Júlio Madeira (38’), Dante (74’) e Marco Cavaco (90’+3).

HISTORIAL

2012/13 LUSITANO-Louletano 0-0 (4-3, g.p.) Estádio Algarve

2011/12 QUARTEIRENSE-Silves 2-0 Estádio da Bela Vista, Parchal



Prof. Solipa, um servidor do desporto que nos deixou!

Durante mais de 40 anos foi um entusiasta, dedicado e competente servidor do desporto algarvio. Para aqui veio nos anos 60 do século passado e impulsionou a prática desportiva, como técnico, dirigente e impulsionador desta prática admirável nas suas múltiplas variantes a que, desde há milénios, o homem se dedica.

Radicou-se em Tavira, onde era professor de Educação Física no ensino secundário, mas foi pelo seu mérito, saber e qualidades chamado a importantes funções, de que destacamos o exercício, em Faro, durante vários anos, do cargo de Delegado Regional da Direcção-Geral do Desporto (DGD).

O professor Américo da Assunção Solipa nascera há 70 anos na aldeia de Casteleja, no concelho do Fundão (zona da Cova da Beira) e licenciou-se em Lisboa, no então INEF (Instituto Nacional de Educação Física). Na capital jogou andebol, modalidade em que era um exímio praticante, como mais tarde o fez na cidade do Gilão, e foi ainda um conceituado treinador e um dos grandes incrementadores desta modalidade desportiva, tal como do atletismo, na nossa região.

Uma terrível e pertinaz doença levou o professor Solipa, há al-

guns anos afectados pela enfermidade, a cessar as suas funções, de que a última referência eram as suas classes particulares de ginástica, de modo próprio para a terceira idade feminina, a que, com muita amizade, carinho e enlevo se referia como “as minhas rolinhas”.

O saudoso mestre e companheiro de várias “aventuras” na área do desporto (Cross Internacional das Amendoeiras, Taça dos Campeões Nórdicos de Futebol, Festa do Desporto Algarvio, etc) deixou-nos no último dia do mês de Outubro e o seu corpo esteve em câmara ardente na Igreja de São Francisco, em Tavira, constituindo o seu funeral, realizado no feriado de 1 de Novembro (Dia de Todos os Santos), uma sentida e expressiva manifestação de pesar.

Foi, como a tantos outros tem sucedido, um beirão que se apaixonou em plenitude pelo Algarve, prestando-lhe os mais assinalados serviços no campo desportivo, quer na sua expansão como na sua qualificação, ele que, por excelência, era um perfeccionista.

O nome do professor Américo Solipa fica como uma figura incontornável na história do desporto algarvio, por tudo o que desenvolveu ou fez acontecer no último meio século!

Na lembrança de dois homens do futebol algarvio

No curto espaço de uma semana chamou Deus a Si duas conhecidas figuras do desporto farense, daquelas cuja memória nos paira na mais saudosa lembrança.

Referimo-nos, por ordem de falecimento, a esse “raçudo” central do Sporting Farense, cabeça crespó e “moço da Ribeira”, essa “pátria” onde também nascemos, hercúleo e possante, generoso e destemido, daqueles que se fosse preciso “até a bola comia”. O Zé Calita, que por outro nome nunca foi conhecido, bem cedo despertou para a prática futebolística ali no desaparecido campo à beira-linha férrea, junto ao actual edifício da Capitania do Porto de Faro, onde tantos torneios populares se disputaram e tantos jogadores surgiram.

Impôs-se no Farense e durante os anos em que envergou o então “maillot” esquadrejado a preto e branco concitou fortes aplausos pelo denodo e entrega. Ligado profissionalmente ao sector oficial de transportes marítimos, na pilotagem da barra Faro-Olhão, faleceu aos 78 anos e o funeral realizou-se da Igreja do Pé da Cruz para o Cemitério da Esperança.

À memória do Zé Calita o preito renovado da nossa amizade, estima e saudade!

O outro “farense de sempre” foi o Jorge Andrade Leiria, com 84 anos, uma vida profissional ligada ao ramo automóvel, sendo um dos mais dedicados colaboradores do sempre lembrado empresário José Mateus Horta (Farauto).

O Jorge Leiria foi um campeoníssimo como velejador e formou uma parilha invencível com outro “filho de Faro”, o Fernando Prazeres, naquela que foi uma embarcação mítica na vela algarvia, o famoso snipe 6 440, do Ginásio Clube Naval.

Na Ria Formosa construíram verdadeiros poemas da “arte de bem velejar em todas as condições” e arrecadaram triunfo e mais triunfos.

Depois Jorge Leiria foi um dedicado e sabedor dirigente do Sporting Clube Farense, um dos grandes amores da sua vida (era vê-lo domingo após domingo ali no Estádio de S. Luís), servindo a cidade e o seu mais representativo clube.

Para o Jorge Leiria o preito da nossa estima, consideração e agradecimento por tudo, e tanto foi, que deu ao desporto algarvio.

Prof. Trindade, um servidor do futebol algarvio!

Sulino, que o era autenticamente pelo seu ADN mental e físico, homem que adorava a província-mãe, o Baixo Alentejo (nascera em Santa Margarida do Sado, há 77 anos) e esta outra, o Algarve, que mercê de actos e queres (nela se formou, leccionou, casou, viu chegarem ao mundo os filhos e exerceu a sua vocação cívica em várias áreas, sobretudo na desportiva), o professor Alberto da Conceição Trindade deixou-nos! Cometemos a indesejada ingratidão, pela muita amizade que há mais de cinco décadas nos unia, desde a Escola do Magistério Primário de Faro, então ali no Largo da Sé e sob a direcção de um “homem do futebol”, o Doutor Hortêncio Pais de Almeida Lopes (que foi jogador e dirigente da Associação Académica de Coimbra, a sua “Briosa”), de não velar ou acompanhar o féretro do Alberto, por só tardio conhecimento do infausto acontecimento. Ele, por certo, na eternidade e com o saber perdoar que lhe era intrínseco, já nos remiu dessa falta! Jovem veio este “alentejano-algarvio” para Faro, procurando o “canudo” de mestre-escola. Membro de uma geração de muitos que já partiram (entre os quais o mediático professor Franklim Marques, “Chico” Zambujal, etc), o que nos provoca uma lágrima sentida, saudosa e pungente. Na capital sulina e a meia-ladeira do Arco da Vila para o Largo

da Sé foi residir o Alberto Trindade, com o “beirão” da mesma raia, o prof. Fausto (que enojava os caracóis como o diabo foge da cruz...) e depois, inevitavelmente, sob o “pontificado” da sempre lembrada mestra do desenho, a D.Ludovina, para a Pensão Avenida.

Nas actividades desportivas, orientadas pelo (quem não se lembra dele?) prof. Fortes Rodrigues, tal como nas de arte cénica ou animação, sob a liderança da sabedora prof. Joselda, o Alberto Trindade marcava pontos e dava cartas. Foi a época em que jogou futebol nos clubes locais, destacando-se como técnico e lutador.

Mais tarde, já a leccionar o hoje chamado ensino básico, fez uma formação/curso em Educação Física e ingressou nesta área no ensino secundário, com destaque para a sua acção na Escola Tomás Cabreira, a par da preparação física e orientação táctica de clubes, entre os quais se incluem as equipas de futebol do Farense e Olhanense.

Morreu o professor Alberto Trindade e fica mais pobre o nosso universo afectivo de gente viva, perdendo o futebol algarvio um digno representante da sua tribo.

Que Deus o tenha no merecido descanso!

O exemplo que vem de Cabeça do Velho

Mais um testemunho de fraterna solidariedade nos chega, na sequência do terrível incêndio que reduziu muitas famílias à miséria e tornou mais carentes e mais pobres os concelhos de São Brás de Alportel e de Tavira. Chega-nos lá do alto da Serra do Caldeirão, da Cabeça do Velho, no primeiro daqueles municípios, pela acção generosa, dedicada e humana dos responsáveis do Futebol Clube Cabeça do Velho, de que é presidente o dedicado senhor Eduardo Sousa.

“Renascer das cinzas” foi o mote das abnegadas gentes tavienses e são-brasenses e algarvias, na generalidade pelo apoio vindo um pouco de toda a região, e porque “a união faz a força” as mãos deram-se sob a égide do Futebol Clube Cabeça do Velho na recolha de fundos e de géneros para acudir a quem tanto precisa.

Primeiro foi na mediática Feira da Serra, em São Brás de Alportel, um dos mais genuínos certames do verdadeiro Algarve, onde os voluntários daquela agremiação recolheram dois mil euros. Depois foi na festa anual, que tradicionalmente se realiza no primeiro fim-de-semana de Agosto. A tristeza a todos invadia e pouco ânimo havia para festividades... Mas era preciso apoiar as gentes afectadas e a equipa dirigida por Eduardo Sousa lançou mãos à obra e, com o apoio da Câmara Municipal e da Junta de Freguesia de São Brás de Alportel, trabalharam incansavelmente e conseguiram juntar 3600 euros, verba com a qual foram adquiridos géneros alimentícios, rações e outros produtos distribuídos pelos carentes.

Gesto lindo e exemplar este de uma agremiação desportiva da serra algarvia do Caldeirão, o Futebol Clube Cabeça do Velho.

FUTEBOL E LITERATURA

“Código Mourinho - Decifrar o êxito do Special One”

Corolário da expansão e democraticidade do futebol em si mesmo, raro é o dia em que não surgem nos escaparates das livrarias novos títulos sobre figuras, factos, táticas e técnicas do mais popular desporto mundial.



Anotamos agora a vinda a lume, numa edição da prestigiada Editora Planeta, da obra “Código Mourinho – Decifrar o êxito do Special One”, da autoria de duas consagradas personalidades no mundo da ciência – Juan Carlos Cubeiro e Leonor Gallardo. O mediático José Mourinho, tão fortemente ligado ao Algarve, em especial pela ascendência paterna, pois Félix Mourinho, nome grande do futebol algarvio e nacional, nasceu nas barlaventinas e marinheiras terras desta nossa região (mais concreta-

mente em Ferragudo, concelho de Lagoa), é o motivo do estudo desta valiosa obra.

Assinala-se na mesma que “treinador de sucesso é hoje uma referência mundial na arte da liderança. O futebol rege-se pelas idiossincronias que fazem dele o desporto mais popular do mundo, mas há aspectos fundamentais que extravasam esse verdadeiro “planeta”. São estes, segundo os autores, que definem Mourinho como um mestre na arte de gerir e comandar.

Dos autores deste livro “Código Mourinho – Decifrar o êxito do Special One” escreverei que Juan Carlos Cubeiro é um dos maiores especialistas em talento, liderança e “coaching” de expressão hispânica e que Leonor Gallardo é uma reputada “expert” em gestão desportiva.

Gerir, comandar, dar respostas – eis alguns aspectos que Mourinho domina como poucos e que neste livro são esmiuçados através do olhar de dois grandes especialistas mundiais e que nos ajudam a compreender os incontestáveis êxitos de um dos maiores treinadores de sempre, o português José Mourinho, actual responsável do Real Madrid.



João Leal

Jornalista, professor e ex-dirigente da AF Algarve

B
BELTRÃO
COELHO
(ALGARVE)

- Multifuncionais / Impressoras / Fax's
- Equipamentos Interactivos
- Audiovisuais
- POS

Urbanização de S. Luis, lote B1, loja 1 - 8005-333 FARO
Tel. 289 890 930 | Fax. 289 890 939

Introdução

Dando seguimento aos números anteriores, iremos apresentar no presente, a sexta parte daquele que já se tornou um dos mais profundos artigos sobre a história do futebol efectuado em Portugal, da autoria do Doutor Jorge Araújo, contamos pelo seu interesse e envolvimento manter a sua colaboração durante mais alguns números.

O segundo artigo deste número da autoria do doutor João Martinez, incide sobre a importância da Pedagogia no Desporto como factor de rendimento. Pretendíamos que fosse apresentado em dois momentos, mas devido à sua importância e interesse que despoletou junto de alguns leitores, e pela dificuldade em sintetizar o tema de forma a elucidar convenientemente os leitores, será apresentado em três partes, sendo que no presente apresentamos a segunda parte e no seguinte será apresentada a terceira e última parte.



Do jogo da bola às Ciências do Desporto

- uma visão histórica sobre a evolução do futebol -

PARTE VI

*Os desportos são aquilo que deles fazem os costumes,
e os costumes são aquilo que deles fazem,
ou lhes permitem ser, os poderes públicos*

Henry de Montherlant
(1896-1972)

1.Referimos na anterior revista da «AFALGARVE» um itinerário histórico sobre o pioneirismo que é atribuído à instituição **Real Casa Pia de Lisboa** no que concerne à evolução ecléctica do desporto nacional, em particular o caso do futebol, e do importante trabalho pedagógico desenvolvido durante o processo de formação de atletas, técnicos e jornalistas ligados a este fenómeno. Por efeito desse processo de enculturação desportiva, muitos foram os ex-alunos da Casa Pia que, a partir dos anos noventa do século XIX, contribuíram para a divulgação do «jogo da bola» a nível nacional, umas vezes na qualidade de jogadores, outras como co fundadores de clubes e de Associações Regionais.

Porque o futebol nasceu em Lisboa, é na capital que se desenvolve a primeira fase da sua organização com a fundação do Núcleo Casapiano, do «Lisbonense» e do «Gimnásio».

Segue-se, em 28 de Fevereiro de 1904, por influência de um grupo de vinte e quatro ex-alunos, nos quais de incluíam alguns elementos da equipa escolar da Casa Pia, com destaque para Cosme Damião (1885-1947), o nascimento, na zona de Belém, do **Sport Lisboa**, com uma única secção,





a de futebol. Dois anos mais tarde, em 26 de Junho de 1906, nasce em Benfica o **Grupo Sport de Bemfica**. Volvido igual período de tempo, em 13 de Setembro de 1908, concretiza-se a fusão de ambos, passando o novo clube a designar-se por **Sport Lisboa e Benfica**, sendo a data de fundação a mais antiga. Para primeiro presidente do SL viria a ser eleito, em 22 de Novembro de 1906, o médico, ex-casapiano, Dr. Januário Barreto (1877-1910), vindo este a falecer em 23 de Junho de 1910. E o processo de dinamização/divulgação do futebol, assumido pelos casapianos, iniciava-se à medida que estes concluíam a sua formação académica na Instituição, deslocando-se depois para as suas localidades de origem.

E os itinerários utilizados seguiram as mais díspares direcções. Para Norte, destaca-se a Figueira da Foz, Coimbra, Aveiro e Viana do Castelo. Em Coimbra, onde deu preciosa colaboração no



ressurgimento do futebol, o destaque vai para o casapiano Raul Vieira, segundo Presidente da Direcção do Casa Pia A.C. e Presidente da Federação de Futebol no ano de 1933/34. Foi também Presidente do Congresso da Federação Portuguesa de Futebol e da Confederação Portuguesa de Desporto. Presidiu à Comissão que organizou em 1938 a **I Exposição Histórica do Futebol** organizada pelo jornal «O Século» (1880-1979; extinto pelo Decreto-Lei 162/79, de

29 de Dezembro). Foi, ainda, Director das Revistas «Football» e «Stadium».

Para o interior, são exemplos as cidades de Viseu e Portalegre, onde, nesta cidade do Alto Alentejo, Leopoldo José Mocho (primeiro secretário do Casa Pia A.C.) foi o grande impulsionador do futebol local, tendo sido eleito como secretário da Associação de Futebol de Portalegre, fundada em 29 de Outubro de 1911, em representação do Sport Lisboa e Portalegre.



Para sul do estuário do Tejo, no Barreiro, o casapiano António Maria Oliveira introduziu o futebol em 1901, com a colaboração de Joaquim Rosário Costa e José de Araújo, fundando o **Sport Club Barreirense**, tendo a sua sede num primeiro andar da Praça Velha, mas que teria uma vida curta. Poucos anos depois, um grupo de aprendizes das Oficinas Gerais dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste fundam uma outra associação a que deram o nome de **Sport Recreativo Operário Barreirense**. Faziam parte desse grupo Artur Pereira, um jovem barreirense, ex-aluno da Casa Pia, José Duarte Silveira, e, ainda, João Rodrigues Lindim e Manuel Delícias Correia, a que se juntaram mais tarde muitos outros, tais como: Alexandre Lopes Quintino, Francisco Nunes de Vasconcelos, António Maria da Costa, Albino José de Macedo, José Fernandes Júnior.



Pouco a pouco o Sport Recreativo Operário Barreirense foi crescendo por beneficiar do

desaparecimento de outros clubes congéneres. Porém, dificuldades surgidas, particularmente de ordem financeira, levaram o Sport Barreirense a proceder a uma profunda reorganização interna. Daí resultou que em Assembleia Geral, realizada em **11 de Abril de 1911**, o Sport Recreativo Operário Barreirense decidiu que este desse lugar ao nascimento do **Foot-Ball Club Barreirense**,



cujas primeiras direcções foram presididas por Francisco Augusto Nunes Vasconcelos, sendo 1.º secretário, José Joaquim Lopes; 2.º secretário, José Fernandes Júnior e Tesoureiro, António Maria de Oliveira. O Sport Recreativo Operário Barreirense cedia, assim, o seu lugar à nova colectividade que lhe herdara todo o património e o apelido, e que cedo viria a afirmar-se como um Hino ao Desporto Nacional, alfobre de jogadores que muito o enriqueceriam e a quem estava reservada uma carreira ousada, e que no ano transacto haveria de comemorar o seu primeiro centenário.

Trinta quilómetros mais a sul, em Setúbal, merece especial destaque a figura de outro casapiano – Jorge de Sousa – grande dirigente, organizador, precursor e fundador, com a colaboração de Joaquim Venâncio, Henrique Santos e Manuel Gregório, dando corpo e alma à obra de valorização regional, tendo por objecto o futebol, fundando, em **20 de Novembro de 1910**, o **Vitória Futebol Clube**. Inicialmente o clube foi baptizado como Sport Vitória,



mas como o único objectivo do emblema era vencer, posteriormente foi decidido, em definitivo, que o nome seria **Victória Futebol Club**. Como não havia ainda campeonato nacional naquela época, a única alternativa da equipa sadina era deslocar-se a Lisboa para disputar a competição regional. A equipa amadora venceu o torneio em 1916/17, cujo êxito incentivou a participação num patamar superior, ou seja, na primeira divisão. O Clube da capital deste Distrito é, também, uma colectividade centenária.

Descendo mais cem quilómetros, agora em Évora, a principal figura que contribui para a expansão do futebol, ligando o seu nome ao Lusitano Futebol Clube, foi Napoleão Palma, com a ajuda de José de Sousa Benchimol, oficial do Exército, antigo jogador e Professor de Educação Física do Lusitano, ambos casapianos. O sucesso do futebol em Évora é também atribuído ao estudante Miranda, que havia frequentado o ensino em Lisboa, levando a que em 1909 o jogo da bola era praticado com regularidade na Delegação da Casa Pia, em Évora.

A fundação do **Lusitano Futebol Clube**, ocorrida em **11 de Novembro de 1911**, resultou da iniciativa de um grupo de jovens do Liceu e da Escola Comercial de Évora, que se reuniam habitualmente no adro da Igreja da Graça, e que lançaram a ideia de se reunirem, para esse efeito, na residência do Professor Dâmaso Simões, à Rua das





Fontes, 3. A primeira designação do clube foi a de Lusitano Académico, à qual não é estranha a proveniência dos seus fundadores, mas, passado pouco tempo, este passaria a Lusitano Futebol Clube. Alguns anos mais tarde, em 4 de Setembro de 1925, seria aprovada uma nova alteração, desta feita para **Lusitano Ginásio Clube**, designação actual. O Lusitano Ginásio Clube comemorou, também, o ano passado os cem anos de existência.



Percorrendo mais duzentos quilómetros para sul, em Faro, o início do jogo da bola remonta a Maio de 1907 por iniciativa e influência do Tenente da Armada Portuguesa, Joaquim Costa, à data instrutor do Corpo de Marinheiros de Lisboa. Aproveitando a sua deslocação à capital algarvia, fez transportar na sua bagagem esse jogo divulgando a sua prática na Escola de Alunos-Marinheiros do Sul, instalados na corveta Duque de Palmela, sediada na Ria de Faro. Este dado histórico, dado à estampa por iniciativa da comunicação social, é referido no jornal «Sports do Algarve», na sua edição de 11 de Outubro de 1937. A divulgação deste jogo levou à sua aceitação crescente junto dos mais jovens, dando origem à sua transferência para o seio da comunidade escolar. Daí resultou que algum tempo depois se tenha assistido à sua introdução no Liceu de Faro, contribuindo para o desenvolvimento processual semelhante ao da Casa Pia de Lisboa, supracitado, levando a que cada aluno o divulgasse junto dos seus pares nas suas localidades de origem, criando, assim, as naturais raízes na Região.

Corolário do aumento do interesse pela prática do jogo da bola na região algarvia, este leva a que seja fundado o **Sporting Clube Farense**, no dia **1 de Abril de 1910**, ideia atribuída a João Gralho que algum tempo antes idealizou a criação de um clube de futebol, devidamente organizado, igual ao modelo seguido por clubes já existentes, com equipamentos, campo, sede e sócios e com receitas próprias. O Sporting Club Farense é o emblema mais antigo do Distrito de Faro, tendo comemorando este ano cento e dois anos de existência.



Entretanto o futebol segue a sua viagem histórica em alternância entre o Sotavento e o Barlavento Algarvio. Para Sotavento, e a escassos dez quilómetros de Faro, surge dois anos depois, agora em Olhão, o nascimento do **Sporting Club Olhanense**, facto ocorrido em **27 de Abril de 1912** por iniciativa atribuída a um grupo de jovens entusiastas pela prática deste jogo, naquela época ainda pouco conhecido, sob a liderança de Armando José Amâncio, natural de Lagos, e que por motivos profissionais, aí tinha fixado residência. No passado mês de Abril o Sporting Club Olhanense atingiu a bonita idade de cem anos de vida, cuja cerimónia comemorativa da efeméride contou com a presença do Presidente da



República, Prof. Cavaco Silva (ver revista n.º 68 - Março/Abril de 2012).

Quase em simultâneo, agora no Barlavento (Lagos), a setenta quilómetros de Faro, surge o **Lagos Futebol Clube** por iniciativa de Joaquim Bexiga Júnior e José Brito Cabral, dando sequência ao importante e decisi-

vo papel desenvolvido, à causa do futebol local, por mais alguns ex-alunos da Casa Pia, merecendo especial destaque Virgílio António Bentes, este oficial dos Correios e Telégrafos. Todavia a existência deste clube seria curta, desaparecendo passado pouco tempo. Porém, um grupo de dissidentes do Lagos FC, liderado por José Victor Adragão, tomou em mãos a iniciativa de fundar um outro clube, o que



se veio a verificar em **20 de Setembro de 1912**, a quem foi dado o nome de **Esperança Futebol Clube**, mais tarde alterado para **Clube de Futebol Esperança de Lagos** (ver revista n.º 70

- Agosto/Setembro 2012). O Esperança de Lagos é, assim, o terceiro emblema centenário do Distrito de Faro.



2. Independentemente de se considerar **1882**, como o ano em que se observou a prática do primeiro jogo de futebol em Lagos, tendo por protagonistas duas equipas constituídas por tripulantes de barcos ingleses ancorados na baía em trânsito para Gibraltar e Norte de África, só trinta anos mais tarde é que a modalidade ganha estatuto institucional.

Entretanto, a sessenta quilómetros da fronteira com Vila Real de Santo António, e a cento e dez da cidade de Faro, já o jogo da bola – o futebol – tinha chegado a Huelva, em 1873, por via da fundação da **Rio Tinto Company, Ltd.**

Deste modo, e em função dos elementos históricos disponíveis, a cidade de Huelva tem a honra de ser considerada como uma das pioneiras no que concerne à introdução do futebol em Espanha.

Dito isto, tomámos a iniciativa de dar conta, neste segundo ponto do texto, dos antecedentes do jogo da bola no país vizinho, que haveria de conduzir à consolidação do futebol moderno, como meio, quiçá, de despertar o interesse junto de estudantes universitários no aprofundamento da historiografia relacionada com o tema.

Esses antecedentes em Espanha estão intimamente ligados ao processo da sua industrialização visando acompanhar o ritmo de desenvolvimento que se registava, à época, na Europa. No sentido de operacionalizar esse desiderato, a indústria siderúrgica para produzir aço precisava de carvão como combustível, que por sua vez implicava a existência de uma rede ferroviária para o deslocar de um





lado para outro. Por sua vez a existência de barcos a vapor de grande tonelagem, que também consumiam carvão, tinham de ser construídos em ferro e depois em aço. Como resposta a este desafio sistémico, para o qual não estavam preparados, o Governo espanhol criou, em 1856, a **Lei das Sociedades de Crédito**, dando origem a três importantes Instituições, sendo



de destacar, neste contexto, a Companhia Geral de Crédito de Espanha, com capital francês e participação na Companhia del Ferrocarril Sevilla-Jerez de La Frontera e Cádiz. Todas as diferentes companhias tiveram de

importar comboios a vapor britânicos, os melhores do mercado, e contratar técnicos e operários especializados para construir as vias, levando muitos deles a fixarem residência na região e no país.

Entretanto, o processo de venda do património que conduziu à promulgação da Lei de Bases, em 1868, autorizava a concessão de minas a interessados nacionais ou estrangeiros, a troco duma contribuição ao Estado que, em casos específicos, poderia ser negociável.

O caso dos estaleiros navais vizcaínos (Bilbau), bem como os de Barcelona e Sevilha, em menor escala, em simultâneo com as Companhias de Caminho-de-ferro, viram uma oportunidade única de investirem directamente no ramo, e instalarem-se no país que lhes era estranho, mas no qual havia muito para ganhar. Os britânicos, que levavam muitos anos de avanço em relação a outros países, e cujas empresas, superiores em quantidade e em recursos, gozavam de uma grande experiência, levou a que estes tivessem o caminho livre para se instalarem em Espanha.

Em quatro anos (1868-1872), os grandes capitais britânicos apoiados por linhas de crédito avalizadas pelo sector bancário, tiveram tempo para se unirem, criando e organizando grandes empresas, levando a que a **partir de 1873** se assista à massificação do desembarque do seu contingente industrial em solo espanhol. Nesse ano instalam-se, e em alguns casos reforçam-se, algumas empresas que pelo seu dinamismo e grandes dimensões, seriam vitais tanto para o desenvolvimento económico e social das áreas de implantação, como para o enraizamento da prática desportiva.



No caso da Região da Andaluzia, o primeiro exemplo ocorre em Riotinto, onde o consórcio britânico **Rio Tinto Company, Ltd** consegue obter do Governo a concessão, para exploração, por noventa e dois milhões de pesetas (valor da época), das minas

de cobre situadas na mesma localidade, levando à chegada de muitos cidadãos britânicos na procura de uma melhor vida material, a par de quadros técnicos especializados para a sua supervisão.

Um pouco mais a sul, Huelva, a capital onubense que naquela época conta com cerca de dezoito mil habitantes, transformava-se por via da oferta proporcionada pela riqueza natural cons-

truindo o seu porto, convertendo-o no ponto a partir do qual lançavam a exportação dos apreciados minerais, principalmente ferro, mas também outros como sejam o cobre, manganês, prata e, inclusivamente, ouro,



fazendo transportar essas mercadorias na linha de caminho-de-ferro entretanto construída no tempo recorde de dois anos, ligando aquelas duas povoações.



Por outro lado, a administração da Sociedade Rio Tinto instala-se na cidade, edificando o seu próprio bairro, dando um forte impulso na actividade local da qual sairá naturalmente beneficiada, convertendo-se a colónia inglesa no seu principal motor em toda a economia, e a nível político, como consequência das suas influências.

Durante os primeiros anos da actividade extractiva nas Minas de Riotinto, foi também concebido um bairro tipicamente inglês exclusivo para os seus trabalhadores, no seio do qual nasceu em 1878 o **Riotinto English Club** ou **Club Inglés de Riotinto**, uma associação vocacionada para o desenvolvimento das suas práticas tradicionais, desviando-os das dos espanhóis, convertendo-a então no seu centro sociocultural privilegiado. Esses residentes de ocasião oriundos das Ilhas Britânicas traziam consigo, justamente, toda a sua cultura e durante a ocupação dos seus tempos livres faziam gala da grande variedade de actividades entres as quais se destacavam as práticas de desportos desconhecidos nestes lugares como sejam: o lawn tennis e o cricket, os mais importantes. Estes distintos jogos, cuja evolução em Espanha ocorreu de forma diferente, eram observados com grande curiosidade pelos naturais, num misto de admiração e estranheza.

Embora se tenha observado a prática do jogo da bola durante este tempo, a implantação do futebol moderno tal como o conhecemos hoje, não será imediata. Ela surgirá, somente, na segunda metade dos anos oitenta, quando o futebol começa a estar na moda no Reino Unido, ou seja, por volta do ano de **1886**, sendo o **Club Inglés de Riotinto** considerado o primeiro a fazê-lo segundo as regras oficiais. Deste Clube Inglés de Riotinto, de carácter recreativo e desportivo, haveria de nascer o **Riotinto Football Club**.

Decorridos os anos oitenta de uma Espanha ultrapassada, o staff desta empresa britânica continuava comodamente instalado em Huelva. Na cidade, os contactos mantinham-se entre a elite das forças vivas locais, onde esta empresa, e tudo o que circulava à sua volta, se converteu num importante grupo mediático com amplo poder, influenciando a tomada de decisões e a vida social, relevâncias reflectidas diariamente através da comunicação social da época.

Em 1884 sobressaem na cidade duas personagens que vão ter um protagonismo importante na história de Huelva. De um lado **William Alexander Mackay** (1860-1927), médico que fora contratado para prestar serviço na Companhia, e casualmente irmão do presidente do **Club Inglés de Riotinto**, John





Sutherland Mackay, e que viria depois a ser médico-cirurgião no Hospital de Huelva mandado construir pela empresa mineira. Do outro **Wilhem Sundheim de la Cueva** (1840-1903),



empresário hispano-alemão que se fixara na cidade em 1864, tendo desempenhado durante vários anos o cargo de cônsul da Alemanha, e que cinco anos antes (1879) seria nomeado «Filho Adoptivo da Cidade», por se ter considerado relevante o seu contributo no desenvolvimento e crescimento económico da província até finais do século XIX. **Sundheim** foi ainda presidente do **Club de Regatas de Servilla**, entre 1881-1884,

assumindo papel importante na fundação da **Real Sociedad Colombina Onubense**, criada em 21 de Março de 1880. Fez parte da organização das «**Celebrações do IV Centenário do Descobrimento da América**», como meio de promover o feito colombino e a sua relação com a terra que viu partir e regressar a expedição comandada por Cristóvão Colombo, em 1492.

Entretanto, por via da amizade entre ambos surge a ideia de criar nesta cidade um clube semelhante ao existente nas Minas de Riotinto, concebendo-se, então, as linhas mestras do que se concretizaria mais tarde. Nos anos seguintes a associação recém-criada, que dependia do financiamento exclusivo da empresa mineira, vai conseguindo, paulatinamente, aumentar o número de participantes nas diferentes actividades proporcionadas, onde se inclui o futebol. Esta modalidade é praticada ocasionalmente com equipas rivais da zona, como sejam o **Club Inglês de Riotinto** e o **Club Inglês de Sevilla**, particularmente durante a concentração anual organizada na quadra Natalícia em Sevilha, e ainda outros jogos esporádicos em que as equipas eram constituídas por elementos das três localidades.

O nível conseguido em 1888 era bastante elevado. Contudo o passo seguinte era fazê-lo subir ainda mais, desejo cumprido em **23 de Dezembro de 1889**, quando é constituído o **Huelva Recreation Club**, tendo como presidente de Honra o escocês Charles Adams, e Pedro de Soto como presidente executivo, associação que, apesar de não estar registada, desenvolverá um grande trabalho na introdução do futebol no país.

Com o início do século XX a prática futebolística dá sinais de ressurgimento até que em Maio de 1902 ocorre em Madrid um evento que marcará uma ruptura com o passado. Na capital do reino surgem várias associações dedicadas exclusivamente ao futebol, distribuídas pelos diversos pontos da região, com o objectivo de organizar, entre todos, um torneio para comemorar a coroação de Sua Majestade o Rei D. Alfonso XIII (1886-1941), que tinha sido proclamado rei na altura do seu nascimento, mas só nesse ano, por ter completado dezasseis anos, foi declarado maior de idade, assumindo a partir de então as funções de Chefe de Estado. O êxito desportivo e social é de tal dimensão que tem impacto nacional.



Em Huelva, a partir de 1903, tem início também a reorganização do futebol local iniciado em 1896. No mês de Abril a imprensa avança com a ideia de que há a necessidade de criar uma equipa desde a base como o fora o **Huelva Recreation Club**, sugerindo-se a possibilidade de esta poder ser constituída por antigos e novos jogadores da última geração. William A. Mackay aceita o desafio e após umas semanas de preparação burocrática, inicia-se o processo para a constituição do novo clube, agora em conformidade com a legislação espanhola, a exemplo do que vinha acontecendo a nível nacional desde 1899. Assim, em **18 de Maio de 1903**, o **Club Recreativo de Huelva** é registado no Governo Civil, tendo sido nomeado presidente o próprio William Mackay.



Refundado o clube, agora com novos estatutos e novos horizontes desportivos, inicia a sua participação no Campeonato de Espanha na época de 1906, realizando, para além das competições oficiais, um significativo número de jogos amigáveis. Em 1909, corolário do trabalho desenvolvido anteriormente é-lhe atribuído o título de **REAL** pelo seu prestígio e dedicação. Esta associação onubense passa então a designar-se por **Real Club Recreativo de Huelva**.

Nesse mesmo ano participa como membro constituinte, em parceria com outros clubes, na fundação da Federação Espanhola de Clubes de Futebol, a primeira entidade que se cria, em Espanha, a nível estatal. Porém, em 1913, extingue-se a **Real Unión Española de Clubs de Foot-ball**, dando lugar à actual **Real Federación Española de Fútbol (RFEF)**.



A popularidade do futebol na cidade continua a aumentar e em 1910 funda-se uma nova associação designada por **Onuba Foot-ball Club**, que pretende rivalizar com os recreativos mas que só consegue resistir

meia-dúzia de anos, vindo a desaparecer. Com o mesmo objectivo surge em 1913 o **Huelva Foot-ball Club**, mas sem sucesso, pelo que foi extinto pouco tempo depois. Outras associações foram surgindo tentando conquistar a hegemonia do futebol local, como por exemplo o **Libertad Foot-ball Club**, em 1918.



A sociedade onubense, por via do seu empenho, organiza o Campeonato da Andaluzia durante vários anos, conquistando as edições realizadas entre as épocas de 1903-04 e 1914-15, marcando a sua superioridade. Em 15 de Maio de 1915, nasce a Federação Regional do Sul de Clubes de Futebol, com sede em Sevilha, com o objectivo de agrupar todos os clubes andaluzes. Esta entidade é dirigida principalmente por indivíduos ligados a clubes sevilhanos, dando origem a problemas com os representantes de outras províncias, no qual se inclui a associação onubense.

O Real Club Recreativo de Huelva vence o Campeonato de 1917-



18 mas nos anos seguintes registam um diminuição dos êxitos desportivos a nível regional, por efeito do profissionalismo, cada vez mais generalizado, e que beneficia particularmente os clubes hispalenses. O clube começa progressivamente a perder jogadores que assinam por outros com maior poder económico. Para manter um nível aceitável tem de realizar complicados esforços financeiros levando-os a percorrer um caminho com muitos obstáculos, até que o desenlace se deu no dia 13 de Outubro de 1925, quando os recreativos são excluídos da Federação Regional por não liquidarem, na data acordada, as dívidas por regularizar.

O marasmo desportivo é evidente e o Real Club Recreativo de Huelva deixa de competir durante dezanove meses, na esperança que cheguem tempos melhores. Dessa situação tira partido o **Titán Foot-ball Club**, uma associação fundada em 1917, e que a partir dessa situação passará a contar com os melhores jogadores da província. Decorridos quase dois anos de sofrimento, em 20 de Maio de 1927, o Real Club Recreativo de Huelva reorganiza-se, contando com o apoio de Montagu Brown na presidência, reinscrevendo-se em Julho para reiniciar a sua vida desportiva, com o superior consentimento federativo, voltando a competir na época de 1927-28, de novo no Grupo A.

Em 14 de Abril de 1931, é instaurada a II República, e passando pouco tempo a associação decide mudar de nome passando a ser conhecida por **Club Recreativo de Huelva**.

O dia 25 de Outubro de 1931 ficará para sempre na história do clube, uma vez que os factos ocorridos nessa data acabariam por influenciar o seu futuro desportivo e social. No Campo do Velódromo joga-se uma partida decisiva para o Campeonato Regional entre a equipa local e o Betis Balompié, bastando a este último os dois pontos em disputa. A Federação Regional do Sul nomeia para o jogo o delegado, o árbitro principal, os juizes de linha e um árbitro suplente simpatizantes da equipa bética. A sete minutos do fim, num ambiente escaldante, o jogo é suspenso devido aos graves incidentes protagonizados dentro e fora do terreno de jogo, entre adeptos e jogadores das duas equipas. A suspensão do encontro foi encarada pelos onubenses como uma provocação. Dado o manifesto desagrado, o clube decide retirar-se de imediato da Federação Regional do Sul, com a qual mantinha desentendimentos desde o seu ingresso em 1915, ficando a aguardar a melhor solução para a resolução do contencioso criado. Decorridas várias semanas de espera, a deliberação foi divulgada no dia 14 de Novembro, sendo o clube onubense sancionado com dezassete mil pesetas de multa, uma fortuna à época, e despromovido.

Outros clubes andaluzes não sevilhanos procuraram seguir o exemplo dos onubenses, conscientes da situação criada, desenvolvendo contactos para criar uma nova Federação que os represente de forma isenta. Perante a dimensão que os acontecimentos adquirem a Federação Espanhola de Futebol, temendo que estes produzam uma divisão que leve à existência de duas Federações andaluzes, e numa hábil jogada política decide não ratificar a sanção aplicada sobre

os recreativistas, por considerar que estes têm razão face ao avultado valor da sanção. Ao mesmo tempo, consciente de que a autoridade de uma das suas Federações tinha sido posta em causa, decide suspender o **Club Recreativo de Huelva** de utilizar o seu nome original durante cinco anos.

Em consequência, no dia **12 de Dezembro de 1931**, o clube muda obrigatoriamente de nome passando a ser designado por **Onuba Foot-ball Club**, realizando vários jogos particulares e outros de âmbito provincial para manter a forma da sua equipa. Perante esta situação forçada, dá-se início a um conjunto de conversações com a Federação da Extremadura no sentido da sua admissão como novo membro. Com o envolvimento dos restantes clubes onubenses, concretiza-se em 30 de Outubro de 1932 a constituição da Federação Regional de Futebol do Oeste, com o **Onuba Foot-ball Club** a assumir o papel mais importante desse organismo desportivo. O clube vence o Campeonato Regional nas épocas de 1932-33 e 1933-34, participando no Campeonato de Espanha até que a Guerra Civil, ocorrida entre 1936 e 1939, impede a evolução da equipa andaluz. É que no ano anterior, em 1935, tinha-se verificado a sua reintegração na Federação Regional do Sul, pois estava a chegar ao fim o tempo de suspensão, tendo inclusivamente recuperado a designação anterior.

Concluída a guerra em 1939, e por efeito do ambiente de pós-guerra, adicionada a falta de recursos, a maioria dos clubes filiados na Federação do Oeste estão sem meios para competir, com os seus campos em muito mau estado, e perante a impossibilidade de organizarem as competições, decidem, muitos deles, regressar à Federação Regional do Sul, que os aceita provisoriamente. Porém, a partir de 1950, e com o regresso da normalidade e estabilização do futebol na zona, a Extremadura contará com a sua própria Federação.

Em **Janeiro de 1941**, com a entrada em vigor da nova lei que proíbe os estrangeirismos, passa a designar-se por **Club Recreativo Onuba**, designação que abandona em 1945 quando solicita, com êxito, à Federação Regional do Sul recuperar a denominação original, voltando então a ser, de novo, o **Real Club Recreativo de Huelva**.

Cinco décadas e meia depois, em 1999, o Real Club Recreativo de Huelva converte-se em Sociedade Anónima Desportiva, reunindo dois mil e seiscentos milhões de pesetas como capital social, como forma de poder continuar ligado à LFP. A venda do estádio Colombino, na Ilha Chica, permite-lhe angariar aquele valor, pas-



sando então a designar-se por **Real Club Recreativo de Huelva, S.A.D.** O século XXI começa com a subida à primeira Divisão na época de 2001/02 e em 8 de Novembro de 2001 é inaugurado o «**Novo Colombino**», um moderno Estádio com capacidade para cerca de vinte e dois mil espectadores. O Recreativo de Huelva completa dia 23 de Dezembro de 2012, cento e vinte e três anos de existência.



continua no próximo número

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Armando, (1992) – Apontamentos sobre a história do Clube de Futebol Esperança de Lagos. Loulé: CFEL.
- ARAÚJO, Jorge, (2004) – Da Actividade Lúdica ao Desporto em Portugal: as origens do movimento associativo. León: Universidad de León.
- ARAÚJO, Jorge, (2009) – A Prática Desportiva em Idade Escolar em Portugal: análise de influências nos itinerários entre a escola e a comunidade em jovens até aos 11 anos. León: Universidad de León.
- BALMONT, Antonio, (2010) – 1884-1889: El origen del Huelva Recreation Club.
- CASA PIA ATLÉTICO CLUBE - Ateneu Casapiano, (2012) – 92 Anos de Cultura, Solidariedade e Desporto. Lisboa: CPAC.
- FIGUEIREDO, José, (s/d.) – 70 Anos da Vida do Futebol Clube Barreirense. Barreiro.
- MASIÀ, Vicent, (2009) – Historia básica de los principales clubs de fútbol españoles. Pous.

Nota: por lapso de paginação registado no último número, a bibliografia publicada não corresponde à que foi indicada pelo Professor Jorge Araújo. Abaixo damos conta da bibliografia que corresponde aos temas tratados no n.º 70 da nossa revista, com o necessário pedido de desculpas ao Autor e aos nossos leitores.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, Jorge, (2004) – Da Actividade Lúdica ao Desporto em Portugal: as origens do movimento associativo. León: Universidad de León.
- ARAÚJO, Jorge, (2009) – A Prática Desportiva em Idade Escolar em Portugal: análise de influências nos itinerários entre a escola e a comunidade em jovens até aos 11 anos. León: Universidad de León.
- LÓPEZ, Manolo, (1982) – Historia del Real Betis Balompié. 3 Vols. Biblioteca de Ediciones Andaluzas.
- MARQUES, José, (1974) – O Remo. Lisboa: M.E.C.; Direcção-Geral da Educação Permanente; n.º 11.
- MASIÀ, Vicent, (2009) – Historia básica de los principales clubs de fútbol españoles. Pous.
- PINTO, José & TAVARES, Hélder, (1990) – Casa Pia Atlético Clube (Ateneu Casapiano). Lisboa.
- PONTES, José, (1934) – Quási um Século de Desporto - Apontamentos para a História da Educação Física em Portugal. Lisboa: Sociedade Nacional de Tipografia.
- ROCHA, M. & BARRETO, F., (1987) – Subsídios para a História da Educação Física na Casa Pia de Lisboa. Lisboa.
- SERPA, Homero, (2007) – História do Desporto em Portugal - Do Século XIX à primeira Guerra Mundial. Lisboa: Instituto Piaget.



Jorge A. Araújo,
Nov./2012

A Pedagogia como factor de rendimento das aprendizagens e de sucesso desportivo

No número anterior, devido à sua importância e extensão, iniciámos por contextualizar o tema sobre a Pedagogia como factor de rendimento desportivo e hoje iremos proceder tecnicamente em relação ao seu desenvolvimento no âmbito da estrutura e organização em que se deve processar.

Recuperando parcialmente alguns dos aspectos referidos no número anterior e, para que o leitor menos assíduo possa ficar integrado no tema, iniciamos este número recuperando parcialmente a abordagem introdutória do tema, começando por nos referirmos em relação à pertinência do conhecimento pedagógico no treino desportivo.

Assim importa esclarecer o que é a Pedagogia. De uma forma mais objectiva poderemos definir como a Ciência que estuda os comportamentos e as formas de actuar, para alcançar os objectivos e desta forma implicando o estudo e as orientações no sentido de uma maior eficácia relativamente às aprendizagens, assegurando que os participantes adquiram disposições que transcendam aos contextos.

Perante esta explicação breve sobre os princípios de actuação, será importante referir que não basta uma percepção, uma opinião generalizada de consenso sobre a forma de actuar, mas a necessidade fundamental de um conhecimento sobre o assunto. Importa pois perceber que a pedagogia é uma ciência e, como referimos anteriormente, o seu domínio não está dependente de uma actuação consensual que produza alterações e até melhoras imediatas, mas um olhar mais profundo, um olhar sustentado no conhecimento científico que produza a optimização de resultados no sentido das finalidades propostas. Isto para dizermos que na pedagogia nem sempre o caminho mais perto é o mais rápido.

Considerando esta realidade, a ideia que pretendemos fazer chegar ao leitor, para melhor perceber o conceito científico, prende-se com a necessidade de termos que recorrer a um termo que felizmente, pelas piores razões, começa a fazer parte do senso comum, apesar de a generalidade dos ditos responsáveis pela pedagogia nas instituições não perceber o que quer dizer. Estamos a referir-nos ao termo Especialização Precoce. Hoje temos a certeza que uma grande percentagem de jovens não alcança a qualidade que lhe permitiria vir a enveredar pelo profissionalismo, porque enquanto jovens foram mal orientados, chegando muitas vezes a patamares considerados promissores e, passado algum tempo “desaparecem”, passando a jogar em clubes sem grande significado desportivo.

Em termos científicos sabemos que a optimização da formação dos jovens não pode obedecer a padrões estabelecidos de forma generalizada, porquanto o crescimento e a aquisição de conhecimento obedece a um processo progressivo e gradual, identificado por fases sensíveis e etapas de crescimento (estádios), que condicionam a aquisição e o acomodamento das informações que recebem no processo dito de formação; se este não obedecer a um processo de respeito individualizado por estas fases, os resultados pessoais serão irreversíveis. É por este facto que nos deparamos com a realidade de jovens ditos promissores que

não chegam a lado nenhum, a não ser à imediata realização e afirmação dos treinadores, como forma de se afirmarem perante o desconhecimento geral, aproveitando para progredirem na hierarquia da carreira, mas originando a consequente limitação e incapacidade de progressão no futuro e respectiva frustração desses jovens.

Na realidade a optimização dos processos implica um conhecimento teórico real, que permita a sua utilização nas diferentes realidades. É por esse facto que reiteramos a argumentação que não basta saber dominar o conhecimento prático para se ensinar, ser treinador, ser professor, mas importa essencialmente ter conhecimento de como se deve ensinar e desta forma destacar que não é pelo simples facto de se ter sido um bom praticante que se passa a ser bom professor e um bom treinador.

É evidente que esta problemática está cada vez mais presente nos clubes e até na escola, quando nos deparamos com o facto de existirem “professores” sem a formação adequada para ensinar, mas por efectivamente serem bons profissionais na sua área de conhecimento. Este problema apesar de muitos pedagogos o virem denunciar, permanece, contudo, real e actual, constatando-se a sua existência desde a escola básica ao ensino superior, como resultado de corporativismos instalados e de uma tradição cultural que persiste em se manter, sendo vistos como mentores, originando a proliferação para as restantes instituições sociais e desportivas, desde as de lazer às de “alto rendimento”, ligando a terminologia pedagógico a um desajustamento total da sua componente científica, o que revela uma autêntica ignorância nuns casos e aproveitamento corporativo da ignorância da sociedade, de uma forma mais generalizada por outros.

Importa assim reforçar que a ideia e o conceito de pedagogia deve assumir o seu significado próprio e não de generalização como forma de passar uma imagem de credibilidade fictícia. A pedagogia implica na realidade um conhecimento teórico-científico e específico de acordo com a sua especialidade, não permitindo ser visto de forma transversal nem generalizada. Assim, por se saber algo de pedagogia numa determinada área não implica que se possua conhecimento pedagógico para o desempenho de funções numa diferente.

Contextualizado o assunto, passaremos de imediato e de uma forma objectiva, na medida do possível, a abordar o processo de ensino.

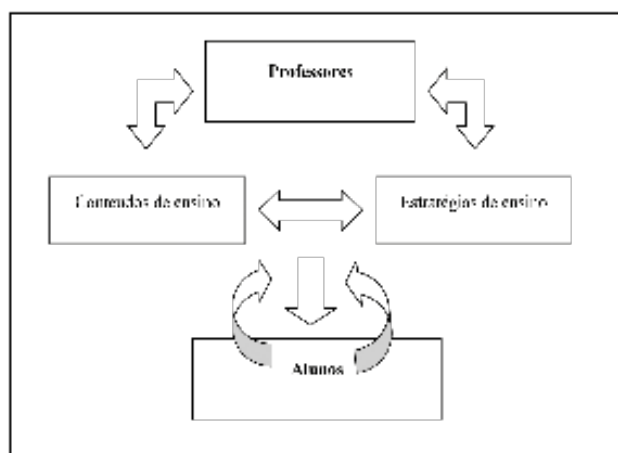
O processo de ensino está assim condicionado a vários factores, mas o mais importante é não perdermos a orientação de que o resultado será sempre as aprendizagens que ele promove. Mas como referido anteriormente, na formação desportiva e especificamente no futebol, os resultados não devem ser medidos pelos campeonatos ganhos, nem por outro tipo de objectivos imediatos ou de médio prazo, mas considerando as finalidades, ou seja, os objectivos finais. Neste caso as finalidades da formação e do ponto de vista dos clubes, é a formação de jogadores profissionais que possam contribuir para a rentabilidade desportiva e financeira da instituição.

É sobre este modelo que devemos incidir a nossa avaliação rela-

tivamente à qualidade das formações existentes, e nesta óptica aferir quantitativamente, sem qualquer subjectividade ou ambiguidade, contabilizando quantos dos jovens formados no clube fazem parte da equipa no escalão sénior ou foram transferidos para outra instituição com os resultados económicos daí decorrentes. Agora temos de recusar liminarmente a ideia de que a formação se avalia pelo número de campeonatos ganhos ou pelo número de jovens que são convocados para as selecções dos respectivos escalões, isto sem que se menospreze a importância da existência de selecções ou da participação dos jovens nessas equipas, só que esse aspecto diz respeito a outro assunto que não pretendemos analisar neste momento. Assim as aprendizagens estão condicionadas essencialmente a quatro factores que implicam conhecimento específico, considerando que nem todas as "boas práticas" demonstram a mesma potencialidade, apesar de todas pretenderem sustentar-se no conhecimento didáctico e pedagógico e dos próprios professores. Consideramos assim importante salientar e definir que como orientação e de acordo com as diferentes fases do processo, o professor/treinador deverá ter em conta como referência da sua programação e actuação os seguintes aspectos:

- Ter em consideração as características do grupo e individuais: escalão etário, níveis de maturação, conhecimento, interesses, necessidades, capacidades psicomotoras, condicionais e coordenativas.
- Definir objectivos reais (ambiciosos e realistas) que estejam em consonância com as possibilidades dos praticantes, adequando os treinos e o processo de ensino.
- Utilização adequada de diversos recursos educativos e a selecção e preparação dos que considera mais pertinentes em cada caso, permitindo maior potencialidade às intervenções pedagógicas.
- Desenvolvimento de estratégias que promovam a realização de acções e metodologias que impliquem a cooperação e colaboração entre os alunos, promovendo a interacção enquanto acções geradoras de aprendizagens.

Desta forma considerando as aprendizagens condicionadas e sustentadas na intervenção do que designamos de factores de rendimento das aprendizagens, que representamos a sua dinâmica da seguinte forma:



Martínez, 2005

Todo este processo implica um efectivo e objectivo Projecto Desportivo com identidade própria que se afirme como um documento real de carácter pedagógico e que represente a definição da política desportiva da instituição assumindo como função a orientação das estratégias no sentido dos objectivos e finalida-



des definidas. O projecto deverá ser operacionalizado através de um regulamento interno e de um plano anual de actividades, que possibilitará a definição objectiva das medidas e estratégias a seguir, assim como a aferição das mesmas. Nesta conformidade o projecto desportivo deverá ser elaborado tendo em conta a história, o passado relativamente às experiências, às vivências e às condições do próprio clube em relação aos recursos humanos e materiais, interesses, necessidades e valores dos sócios e direcção, assim como da região em que está inserido. Também a constituição das equipas técnicas deverá ser factor a ter em consideração, uma vez que o processo de adequação deverá ser transversal, tendo-se que considerar o perfil, competências e capacidades dos técnicos ou a considerar no processo de contratação.

Continua no próximo número



J. Martínez
Doutor em Didáctica



Futsal: as leis do jogo

Por António Pincho Correia

Lei 7 - DURAÇÃO DO JOGO

PERÍODOS DO JOGO

Um jogo de futsal (seniores) compreenderá dois períodos iguais de 20 minutos cada um, salvo acordo mútuo entre o árbitro e as duas equipas.

Qualquer acordo para alterar a duração dos períodos do jogo terá lugar antes do início do jogo e deve respeitar as regras da competição.

FIM DOS PERÍODOS DE JOGO

O fim dos períodos de jogo é indicado pelo cronometrista com um sinal acústico (diferente do dos árbitros). Após ouvir o sinal acústico do cronometrista, um dos árbitros anuncia o final do período ou do jogo com o seu apito, tendo em consideração o seguinte:

» - se tiver de ser executado ou repetido um pontapé da segunda marca de grande penalidade (10 metros) ou um pontapé livre direto, a partir da sexta falta acumulada, o período em questão é prolongado até o pontapé ser executado e surtir o seu efeito. O mesmo procedimento é aplicado a um pontapé de grande penalidade.

Obs. Em Portugal e indo ao encontro do que diz a Lei 7, terá a partir de agora que se aguardar que o pontapé surta o seu efeito e fica clarificado que qualquer que seja a combinação de contatos da bola, por exemplo: remate» buzina» guarda-redes» trave» poste» solo» guarda-redes» colega» defensor» baliza = GOLO.

Se no decorrer do jogo a bola for rematada à baliza e em simultâneo o cronometrista aciona o sinal acústico, o período termina quando:

» - a bola vá diretamente à baliza e se marque golo;
» - a bola saia dos limites da superfície de jogo;
» - a bola toque no guarda-redes ou outro jogador defensor, nos postes da baliza, na barra transversal ou no solo, atravessando a linha de baliza e se marque golo;
» - o guarda-redes ou outro jogador defensor toquem a bola ou esta ressalte dos postes da baliza ou da barra transversal, não atravessando a linha de golo;
» - quando a bola toque qualquer jogador da equipa que a jogou, exceto se tinha sido executado um pontapé livre indireto e, após tocada por outro jogador, se dirigia para a baliza adversária;
» - não se tenha cometido nenhuma infração sancionada com pontapé livre direto, pontapé livre indireto ou grande penalidade.

TEMPO MORTO

As equipas têm direito a um tempo morto em cada um dos períodos de jogo. Os elementos oficiais de cada equipa estão autorizados a pedir um tempo morto de um minuto ao terceiro árbitro ou ao cronometrista, utilizando o documento fornecido.

Se não existir terceiro árbitro nem cronometrista, um elemento oficial pode solicitar o tempo morto aos árbitros.

Durante o tempo morto, os substitutos têm de permanecer fora da superfície de jogo.

Durante o tempo morto, os jogadores podem permanecer dentro ou fora da superfície de jogo.

Para poderem beber líquidos, os jogadores devem sair da superfície de jogo.

Se for jogado prolongamento, não existe intervalo entre os dois períodos; as equipas unicamente trocam de metade da superfície de jogo e, não há lugar a tempos mortos.

INTERVALO

Os jogadores têm direito a um intervalo entre as duas partes do jogo, que não deve exceder os 15 minutos. As regras da competição devem indicar a duração do intervalo.

A duração do intervalo só pode ser alterada com o consentimento do árbitro.





Último Pontapé

Honra e Glória no centenário

A elaboração do livro "Honra e Glória", alusivo ao centenário do Olhanense, trabalho recentemente apresentado, deu-me a oportunidade de ficar a conhecer a fundo a história do clube, numa viagem fascinante ao passado de um dos emblemas da nossa região mais conhecidos - e queridos - em todo o país.

Nas diligências efectuadas para a recolha de dados considerados essenciais, a referência ao Olhanense era uma espécie de "chave" que abria todas as portas: ao longo de um percurso de um século, o clube criou uma auréola de simpatia que se estende de uma ponta à outra deste rectângulo que é Portugal e essa constitui seguramente uma das mais valiosas fatias do património rubro-negro.

Assim, tornou-se bem mais fácil saber que o clube foi dado a conhecer à sociedade olhanense (uns dias depois da reunião entre os membros fundadores) no Cinema-Teatro, uma espécie de "saloon" existente na cidade, na altura uma das grandes atracções de Olhão; ou que as cores do equipamento, idênticas às do Milan AC, se devem à influência de um italiano, Paolo Castello, com interesses no Algarve, na indústria conserveira, e que foi guarda-redes do Olhanense e do Farense e ainda árbitro, numa altura em que os jogos eram dirigidos pelos próprios praticantes.

Um dos episódios mais curiosos da história do Olhanense prende-se com a existência de uma filial em Angola, o Independente Sport Clube, de Porto Alexandre (actual Tômbwa). A cidade, situada em pleno deserto do Namibe, foi fundada por pescadores provenientes da Póvoa do Varzim e de Olhão, atraídos pela abundância de peixe naquela costa, e o crescimento da urbe levou, naturalmente, à criação de uma colectividade desportiva. Os poveiros insistiram em que o nome teria de

relacionar-se com o "seu" Varzim Sport Clube e os olhanenses não se opuseram... determinando, de seguida, que as cores seriam as rubro-negras. Uns anos mais tarde consumou-se a ligação ao Olhanense, por via da filiação, e vários jogadores, como Gancho ou Madeira, passaram pelos dois clubes.

Entre muitos episódios curiosos relativos ao percurso centenário do Olhanense, retemos um que teve como protagonista um dos melhores jogadores de sempre da história do clube, Fernando Cabrita: a insistentes pedidos da direcção do clube, o jogador interrompeu a lua-de-mel para defrontar o Sporting. Viria a fracturar uma perna e a esposa nunca mais quis ouvir falar de futebol...

Num registo centenário marcado por múltiplos sucessos, o mais significativo será porventura a conquista do título de Campeão de Portugal, numa equipa construída por um dirigente marcante (Cândido do Ó Ventura) e que tinha no genial Tamanqueiro a sua principal figura.

Dele escreveu o seguinte Manuel Teixeira Gomes, no exílio argelino, depois de abandonar a Presidência da República: "Se alguma visão risonha e animadora me ficou do turvo período da minha presidência, foi dos combates de futebol e dos espectáculos dados pelas nossas associações desportivas a que assisti. Diante dos olhos ainda me perpassam os corpos elegantes dos voadores do Ginásio Clube, atirando-se em curvas harmoniosas pelas alturas estonteadoras do Coliseu; das tardes heróicas do Campo Grande, aclamadas pela multidão imensa, destaca-se, na luz vermelha do poente, a forma tão juvenilmente obstinada, na sua ubiquidade inverosímil, do Tamanqueiro, caindo, erguendo-se, pulando com a elasticidade de uma pêla, ou como se a terra lhe servisse de trampolim, sem nunca deixar de sorrir."



ARMANDO ALVES

Teste os seus conhecimentos

1 – Que clube foi campeão da 1.ª Divisão da AF Algarve nas épocas 1973/74 e 1982/83?

- A – Torralta
B – Alvorense
C – Sambrasense

2 – Na época 1949/50 que clube se sagrou campeão da 1.ª Divisão da AFA?

- A – Sporting Clube Olhanense
B – Ginásio Clube Olhanense
C – Atlético Clube Olhanense

3 – No mesmo escalão, em 1947/48 o campeão foi...

- A – Sporting Clube Farense
B – Clube Desportivo de Faro
C – Sport Faro e Benfica

4 – Dos clubes abaixo referidos, qual o único que nunca venceu a 1.ª Divisão da AF Algarve, em futebol, seniores masculinos?

- A – Moncarapachense
B – Fuzeta
C – Marítimo Olhanense

5 – Na década de 30 do século passado o Portimonense sagrou-se quantas vezes campeão da 1.ª Divisão da AF Algarve?

- A – 1
B – 3
C – 5

6 – Em 1914/15, sob a égide da União de Futebol do Algarve, disputou-se o primeiro campeonato do Algarve. Qual o vencedor?

- A – Farense
B – Olhanense
C – Lusitano

7 – O maior ciclo de triunfos na prova pertence ao Olhanense. Foram quantos sucessos consecutivos?

- A – 9
B – 10
C – 11

8 – Entre 1978/79 e 1981/82, em quatro edições da prova, por três vezes o triunfo sorriu a clubes do concelho de Loulé. Quais?

- A – Almancilense, Quarteirense e Salir
B – Campinense, Louletano e Quarteirense
C – Louletano, Salir e Quarteirense

9 – Até 1927 Farense e Olhanense dominaram o futebol algarvio e só um clube se intrometeu no rol de vencedores do campeonato regional. Qual?

- A – Portimonense
B – Glória
C – Lusitano

10 – A época 1969/70 marcou a estreia de um clube no rol dos vencedores...

- A – Esperança de Lagos
B – Silves
C – Sambrasense

Respostas: 1-a; 2-c; 3-b; 4-b; 5-a; 6-a; 7-a; 8-b; 9-c; 10-a

Seleção do Algarve de futsal feminino

Entre 28 e 30 de Setembro de 2012 a selecção do Algarve de futsal feminino marcou presença no Torneio Inter-Associações, disputado nas Caldas da Rainha, distrito de Leiria. Abaixo constam os nomes das jogadoras que participaram na competição, em todos os sentidos possíveis:

ELISABETE GUERREIRO

JOANA GOUVEIA

MARISA MACHINHO

DANIELA CABRITA

VANDA DIAS

MARTA FARIA

SANDRA JOAQUIM

MÓNICA ROMÃO

PATRÍCIA TEIXEIRA

CHEILA MARTINS

MÓNICA VIEGAS

ADRIANA DIAS

Q	E	R	V	B	R	O	E	R	T	Y	U	I	O	P	E	R	T	Y	U	I	O	C	V	B
V	B	N	V	B	E	H	D	R	F	G	H	J	K	L	N	B	V	C	B	F	G	B	C	V
E	R	E	E	R	R	N	C	F	E	R	F	G	H	J	F	G	H	S	R	E	R	E	E	T
E	R	T	L	E	R	I	E	R	M	A	R	T	A	F	A	R	I	A	S	D	D	F	F	D
E	R	R	F	I	R	H	E	R	E	R	E	R	E	C	D	F	D	N	A	S	A	D	A	A
E	A	S	A	S	S	C	A	X	Z	X	Z	X	Z	A	S	Z	V	D	C	V	A	D	E	E
A	S	A	S	A	A	A	A	S	X	C	J	F	G	F	G	F	G	R	A	S	R	A	X	Z
D	X	Z	X	Z	D	M	B	E	D	F	O	D	F	D	F	D	F	A	E	O	I	R	E	R
R	E	Q	Q	Q	A	A	D	E	E	D	A	X	Z	X	Z	X	Z	J	Z	A	E	Z	C	X
I	A	X	C	X	C	S	D	E	T	A	N	A	S	A	S	A	A	O	D	M	X	D	F	E
A	Q	R	T	R	T	I	D	F	V	E	A	V	C	V	C	D	E	A	F	O	I	R	E	R
N	A	S	A	S	E	R	E	Q	R	E	G	D	A	A	A	A	A	Q	X	R	E	Z	X	A
A	Q	S	A	Q	A	A	Q	X	Z	X	O	U	Q	E	R	E	E	U	C	A	T	C	D	E
D	S	A	E	R	T	M	R	T	Y	Y	U	U	E	I	O	P	O	I	U	C	A	E	R	T
I	R	G	E	R	T	R	T	Y	U	I	V	U	I	R	Y	U	Y	M	Y	I	I	U	I	O
A	R	E	R	R	E	E	E	E	E	E	C	V	A	R	E	R	E	R	N	C	R	E	R	
S	E	I	E	R	E	R	R	R	X	Z	I	S	A	A	A	E	A	A	X	O	I	Z	E	A
E	Q	V	Q	S	A	I	D	A	D	N	A	V	D	E	D	E	I	R	E	M	R	Y	R	T
E	T	A	R	T	R	E	R	E	R	R	V	C	F	C	B	N	B	R	R	B	T	B	N	R
E	Q	C	Q	R	T	F	D	R	D	C	V	B	V	B	V	F	V	V	F	D	A	E	E	E
D	C	I	Q	A	X	E	D	X	Z	Q	R	T	Y	U	R	T	Y	Y	T	Y	P	Y	U	I
R	T	N	T	R	R	E	C	H	E	I	L	A	M	A	R	T	I	N	S	T	R	E	R	E
R	E	O	R	E	Q	A	S	C	F	V	F	V	F	B	G	H	B	F	D	F	E	D	D	E
E	R	M	R	R	E	D	A	N	I	E	L	A	C	A	B	R	I	T	A	T	B	N	V	C
E	R	M	M	T	M	R	V	C	V	C	V	A	D	O	R	A	F	A	T	I	M	A	R	E

Estamos a falar de....

Nasceu em Vila Real de Santo António, a 30 de Abril de 1919, e distinguiu-se como interior-direito e avançado em dois clubes da cidade raiana, o Glória Futebol Clube e, depois, o Lusitano Futebol Clube. Nesta última colectividade viria a conhecer grande protagonismo, ao contribuir para um sucesso de arromba, a subida à 1.ª Divisão, em 1946/47. Nas três épocas seguintes actuou no escalão maior do futebol português, mostrando enorme qualidade. Com a descida dos raianos, encerrou a sua carreira, mas o nome da família perduraria no futebol português, pois o seu filho, com o mesmo nome, também avançado, destacou-se ao serviço do Lusitano, Atlético e Belenenses, na década de 70.



Desporto

COMPLEXO DESPORTIVO

Vila Real de Santo António

Desporto aqui.



Município de Vila Real de St^a. António
Praça Marquês de Pombal
8900 - 231 Vila Real de St^a. António

Tel. 281 510 000
Fax. 281 510 003

www.cm-vrsa.pt



VILAREALST^oANTONIO

Albufeira vive o desporto



Albufeira

CÂMARA MUNICIPAL

www.cm-albufeira.pt